

Sarah Vervloet Soares

**CONTOS E MICROCONTOS &
A SUPERFÍCIE DO MUNDO**



**contos e microcontos
&
a superfície do mundo**

Sarah Vervloet Soares

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348)

S676c Soares, Sarah Vervloet.
Contos e microcontos & A superfície do mundo [recurso eletrônico] / Sarah Vervloet Soares. – Vitória, ES: Pedregulho, Dados eletrônicos (1 arquivo : 1,61mb).

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: www.editorapedregulho.com.br ;
www.smashwords.com
ISBN 978-85-67678-46-7

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Escritores brasileiros. I. Título.

CDU 869.0(81)-34

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura em português 869.0; 2. Brasil (81); 3. Gênero literário: contos -34



contos e microcontos

para meus pais,

Sumário

Prefácio

dia

a mulher que controlava os pães
o estrela
era muito, mas se acabou
contanto que eu não chore
passadiço
segura essa, rapaz
Ângelo Puck

NOITE

um conto ou um real?
olhar da ponte
o aprendiz
degela
à luz dela
Clara & Alice
um dominó para Tolstoi
momento de ar
casca e véu
a vida em um pulo

Prefácio

No ensaio *Cinco proposições sobre a psicanálise*, o filósofo francês Gilles Deleuze realiza uma pertinente crítica à psicanálise freudiana, no que esta tem de apego à memória e, portanto, ao passado, ao dito, escrito, vivido, sentido, como fatal, determinista e trágico liame do antes se enganchando no agora e no depois, ao tempo que faz emergir a linearidade previsível de uma Ouroboros familiarista, tal que a cauda/carga dramática do pai é colocada, como uma chupeta, na boca do filho, cujo rabo metamorfoseia-se no seio materno: triangular círculo em que todos mordem a própria cauda, impossibilitando o devir, a transformação, o acontecimento inaugural.

Dialogando com Nietzsche, Gilles Deleuze se opõe ao freudismo a partir de uma defesa incisiva do esquecimento revolucionário, concebido como potência que tende a dissolver nossa eterna ruminação do passado, desconstituindo de igual modo o presente vivido e concebido como segmentado museu de ossos de nós mesmos, sob o ponto de vista do peso funesto, de guerras, genocídios e impossibilidades, que herdamos de nosso excessivo passado trans-histórico.

Assim como o triângulo edípico se inscreve num eterno retorno do mesmo, a morder a própria cauda do nada da vontade do niilismo, o presente e o futuro, quando atados a um passado familiarista, também giram em círculo Ouroboros e mordem a eternidade da cauda do pronto e acabado, fazendo com que a morte se sobreponha à vida, o cansaço clássico despreze o banho dos começos e o participio – vivido, criado, experimentado, ocorrido – tome de assalto o infinitivo – viver, criar, experimentar, ocorrer – no que este tem de aberto horizonte, no

qual e através do qual, para dialogar com Jacques Rancière, o tempo não tem relação com a verdade, o acontecimento não tem relação com o possível e o real não tem relação com o realismo.

Como uma pedra que atiramos num lago, o familiarismo Ouroboros, que não permite que nada aconteça fora do círculo do mesmo edípico passado remoto de nós conosco mesmos, espalha-se por todo lado sem nunca se fazer alado, reproduzindo o drama lírico intimista do em si mesmo eterno de nossa repetição mnemônica, como se estivéssemos condenados a estender a mortalha do antes no presente igualmente fracassado, inviabilizado, amarrado, impossibilitado, morto.

Esse avançar da sombra da morte no agora e no depois atinge em cheio também o plano da criação de tal sorte que tendemos a escrever – narrativas de ficção, poemas – sempre amparados e atados ao morto arquivo das muletas do participio do já escrito como abraço fatal em relação ao não escrito ou à novidade de tudo e em tudo, condenando-nos ao nunca mais de um coro agouro de corvo, como se fosse um poema de Edgar Allan Poe, a ecoar-nos: nunca mais criar senão o criado, nunca mais dizer senão o dito, nunca mais viver senão o vivido, nunca mais imaginar senão o imaginado, nunca mais acontecer senão o acontecido.

E é precisamente fora desse “nunca mais” do arquivo morto dos tempos que a escritora Sarah Vervloet apresenta-nos seu primeiro livro de ficção, *Contos e microcontos*, vencedor do prêmio Secult, seleção e incentivo à edição e difusão de obras literárias inéditas de autores residentes no Espírito Santo.

É a potência do esquecimento que pulsa nos contos de Sarah Vervloet, tendo em vista uma dicção inocente, fora de toda angústia de influência, como é possível depreender no primeiro conto da série, “A mulher que controlava os pães”: Parecia que o mundo havia acabado. E, então, um dia cheguei a casa mais cedo, devido à chuva catastrófica

que caía lá fora. Deparei-me com uma cena de horror: a mulher tirando pães, milhares de pães do forno, e guardando-os desesperadamente no armário. Ela sofreu um espanto. Fui até o armário checar o que me aterrorizava e, na mosca, entendi que ela estava escondendo nossos pães. Lá se dispunham infinitos pães doces, salgados, dourados, macios, recheados. Alguns criavam bolores. Outros já estavam cavados por insetos. Parecia que o mundo havia acabado.

“Parecia que o mundo havia acabado”, diria que é a partir do fim mundo que Sarah Vervloet escreve, mas tendo em vista o começo de outros mundos, em perspectiva, alimentado que está pelo esquecimento revolucionário, este mesmo que sabe que o tempo de agora não tem relação com verdade alguma e que, portanto, tudo pode ser diverso do que tem sido, sem necessidade de controlar os pães da vida, posto que esta é seu próprio pão, sem excedente concentrado, de vez que se excede por si mesma, ao viver fora de qualquer camisa de força, massas de receitas consagradas.

Por sua vez, ler o primeiro livro de Sarah Vervloet como banho dos começos poderia soar inconsistente e absurdo diante do conto “Contanto que eu não chore”, no qual a personagem Lourdes, antes de deixar a vida, retoma o passado e agarra-se a lembranças. Poderia, mas não pode, porque, voltando-se a passagens de sua vida, Lourdes não rememora um antes despótico, como passado morto e enterrado, mas faz devir com o presente vivo de momentos anteriores de sua vida, deixando claro que o passado não é lembrança estanque do vivido, mas uma orquestração de presentes vivos que, como um aluvião, enche seu vivo presente atual, a fim de vivamente morrer, sendo a morte, portanto, acontecimento singular, como a vida.

É igualmente como presente vivo que cada conto do livro inaugural de Sarah Vervloet pode ser lido, como se a inocência fosse possível, sendo através dela que as histórias são tecidas e entretecidas, mesmo diante do abismo, como ocorre no último

conto do livro, “A vida em um pulo”, no qual o pulo mortal da Terceira Ponte, entre Vitória e Vila Velha, mais que drama da morte, catarse, constitui-se como a inocência diante da morte, o suicídio, no pulo do abismo de existir.

A inocência mesmo diante da morte ou a morte decidida, no suicídio, inocentemente, significa dizer que escrever inocentemente corresponde ao que o poeta cubano José Lezama Lima chamava de mentira primeira ou primogênita, porque descomprometida de sistemas, de hábitos, da norma ou mesmo de positivistas critérios científicos e estéticos. A inocência como devir criança ou mentira primeira de um presente vivo que a si mesmo se conta e se vive sem precisar se justificar, pois “Só assim Ângelo encontra a lógica de unir os dias ruins às finas esperanças e as decepções aos mais prósperos amigos. Pronto. Foi interrompido. Rompe-se o lapso da mente e mente com toda insatisfação, mas ainda assim é preciso sonhar (Cf. **Ângelo Puck**)”.

A mentira primeira é, pois, a que não precisa de se justificar e detém a potência do falso como produção de outra forma de verdade: a verdade de inventar-se sem cessar, entre o céu e a terra, surfando como a personagem do conto “Momento de ar”, que assim se diz: “Toda vez que eu chegava à crista da onda, me esticava todo para alcançar o céu. Poder sentir o céu, tocar o ar. Era como voar sem asas, com nadadeiras”.

Inventar-se é o que a narrativa de Sarah Vervloet faz, como primeira mentira que leva a uma segunda, a uma terceira, tal que, no ritmo ficcional de mentir, a metamorfose dos seres produz nadadeiras que são asas, de tal sorte que o fundo do mar torna-se o raso do ar, na inocência de existir fora do peso de verdades instituídas, autoritárias, que nos emparedam.

Por ser seu primeiro livro, Sarah Vervloet tem muito que complexificar-se, na sobriedade inocente de seu estilo.

Se, tendo a alegria de escrever este prefácio, puder soprar ventos de incentivos, diria e digo simplesmente: “Sarah, continue mentindo inocentemente, sem deixar-se afetar pelo peso morto das verdades arquivadas”.

Pule no abismo de escrever, ainda que sem plateia, para distorcer.

Luís Eustáquio Soares

A leitura que amanhece: dia e noite invernosos

Foi num outro inverno, há dois anos, quando a notícia irrompeu na minha caixa de e-mails. O autor do e-mail, especialista e veterano em autoria de outro – e melhor – tipo, talvez nem tenha se apercebido de como foi simbólico tomar conhecimento deste prêmio por meio de sua figura. Reinaldo Santos Neves, no seu ilustre papel de informador, foi simples e direto (e, portanto, surpreendente desde então): “Já está sabendo? O prêmio do edital da Secult (contos, estreante) é seu. Saiu no diário oficial de hoje. Sérgio Blank também manda um abraço”.

Arrebatadora pela forma como chegou até a mim, a notícia de que eu havia ganhado um prêmio de Literatura da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo impressionou uma vez mais, já que se tratava da minha primeira tentativa de ser lida. A expectativa era modesta e limitada: conseguir que estes contos e microcontos fossem examinados. E ser lida por quem? Isso também passava longe de qualquer atenção. Somente um ano depois me veio a descoberta de que Bernadette Lyra compunha a comissão selecionadora deste processo. E, nesse ano de 2012, durante mais um inverno, conheci o cativante sorriso de Bernadette, a me confirmar mais essa declaração. Sublime. Formidável.

Com a categoria estreante, então, eu levava comigo dois invernos calorosos porque inesperados. E é de se abismar que, no momento em que escrevo este texto, mais um inverno acontece nesta Ilha de Vitória. É de se abismar, pois foi num abismo que caíram os contos e microcontos (numa funda hibernação de três invernos) desde as honras até a sua publicação. Comecei a acreditar piamente que um

texto, quando guardado por muito tempo, passa a respirar sozinho. Se a gaveta não for aberta algumas vezes – a fim de que se reconheça o não-aprisionamento da palavra, a renovação dos ares – o texto asfixia-se. Mas a literatura, como diz Silviano Santiago, é um jardim, no qual o escritor trabalha “a escolha consciente diante de cada bifurcação”. E, apesar de todas as bifurcações desses poucos e pequenos contos, eles continuam nestas páginas tais como eram no começo de tudo. No começo dos começos, naquele primeiro inverno, o jardim pelo qual esta autora passeava era um. De lá para cá, como o leitor pode imaginar, folhas e flores caíram, nasceram e cresceram em galhos também novos.

Aqui, a autora-aprendiz deixou que o dia fosse noite e que a noite nunca fosse dia; tantos são os poucos contos divididos por turno neste espaço. Não se sabe quais segmentos pertencem a um ou a outro. E que dizer das tardes? Elas não existem dentro das palavras...

Sarah Vervloet

Vitória, inverno de 2013.

Compreendeu que o empenho de modelar a matéria incoerente e vertiginosa de que os sonhos são feitos é o mais árduo que um varão pode empreender, embora penetre todos os enigmas da ordem superior e da inferior: muito mais árduo que tecer uma corda de areia ou que amoldar o vento sem rosto.

Jorge Luis Borges

dia

a mulher que controlava os pães

Certo dia, enfureci-me. A mulher não sabia mais quem era quem, somente pensava em seus pães. As crianças já morriam de fome quando, finalmente, dei a cartada final: peguei todas as minhas coisas, e nossos cinco filhos, e sumi. Porém, nunca mais consegui comer um pão.

No começo tudo parecia como um conto de fadas. Minha mulher acordava bem cedo, pegava o livro de receitas que fora da sua tataravó – trata-se de um tal livro que rodou casas e mãos até chegar onde está. Com o mais belo humor que possa existir, ela manuseava a massa, acrescentava o trigo, esperava com paciência a textura correta e levava ao forno, religiosamente. Nós, eu e as crianças, acordávamos com aquele cheirinho de pão assando, ora doce, ora salgado ou recheado. Era divino. Sentávamos à mesa, felizes. No começo tudo parecia como um conto de fadas.

Dias se passaram, meses, anos para que enjoássemos dessa rotina. Já estávamos todos acima do peso, eu mais, ela menos. Não queria mais saber de trigo, fermento, cheiro de pão pela manhã. Mas também não sabia dizer, implorar que parasse. As crianças compreendiam completamente a situação e me serviam de cúmplices. Sonhei, uma noite, que as crianças haviam todas se juntado para se vingar da mãe. Acordei suando e nunca mais dormi. Ela, percebendo algo errado, pediu uma reunião familiar. E nós, eu e as cinco, revelamos o martírio. Parecia que o mundo havia acabado.

Parecia que o mundo havia acabado porque daquele dia em diante nós não comíamos mais. Ela nunca mais acordara de madrugada

para amassar os pães do café da manhã, nós perdíamos a hora da escola e, além disso, emagrecemos todos rapidamente. Parecia que o mundo havia acabado. E, então, um dia cheguei a casa mais cedo, devido à chuva catastrófica que caía lá fora. Deparei-me com uma cena de horror: a mulher tirando pães, milhares de pães do forno, e guardando-os desesperadamente no armário. Ela sofreu um espanto. Fui até o armário checar o que me aterrorizava e, na mosca, entendi que ela estava escondendo nossos pães. Lá se dispunham infinitos pães doces, salgados, dourados, macios, recheados. Alguns criavam bolores. Outros já estavam cavados por insetos. Parecia que o mundo havia acabado.

o estrela

Conta-se que há algum tempo as estrelas resolveram fazer luto por conta de um fulano de tal que, após ter se tornado estrela, inventou de descer e procurar um lugar mais quentinho e aconchegante que o céu. Acontece que, uma vez estrela, estrelinha, não há o que fazer, para onde ir, a não ser percorrer os planetas desertos no meio da gigantesca galáxia. O rapazinho, teimoso e prepotente, não quis saber dos efeitos e pegou carona com o primeiro cometa que passou. Ainda não se sabe por onde anda aquele que se acha membro de uma realeza, e superior a todos aqueles outros que também agora são estrelas. A única história contada pelas cadentes que por aqui passaram foi sobre esse luto das estrelas. A negra tristeza provocou tanta escuridão durante o caminho da pobre estrelinha, que ela acabou se perdendo em algum canto da vida, de forma que o luto jamais foi desfeito. O que há de se esperar de tudo isso é que o pequenino encontre logo a direção do seu lar, da sua origem e permanência, para que todos possam viver novamente sob o mais intenso brilho de todas as constelações.

era muito, mas se acabou

Achava que, de tão alto, voaria no vai-e-volta daquele balanço vermelho, e oscilava nas nuvens que os raios de sol iluminavam. *Senhoras e senhores, ele põe a mão no chão.* Sente vontades: morar num castelo, comer chocolate, andar de bicicleta, ter um foguete. Sonhos de moleque. O menino se atirava à grama e rolava como bolinhas de gude. Tudo o que é bom tem brincadeira. *O que é o que é.* Um pulo, virar estrelinha para imitar aquela roda gigante. *Senhoras e senhores, ele pula de um pé só.* Gira como peão, gira e encanta os olhos do menino, não mais, porém, que uma bola de futebol. Corre-corre atrás do tesouro famoso. Corre-corre para chegar primeiro. Corre-corre para ganhar o prêmio e... Rolou como jabuticaba que escapa das nossas mãos. *Dona chica admirou-se.* Busca o pique e se esconde. Entra na roda e canta também. Tudo parece mágica, adquire vida, como trapezistas. Pipa, sorvete, algodão-doce, pipoca, papai noel. Vira verdade. *Vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar.*

contanto que eu não chore

In memoriam de Lidinha

Viver é como fazer um bolo de última hora. As receitas são muitas, os ingredientes são esses, não dá tempo de correr ao supermercado para comprar outros e você precisa torcer para que dê tudo certo ao final. Não se pode fazer de olhos fechados porque a massa passa do ponto. É necessário medir, mexer e provar. Mas há também imprevistos, como quando o gás termina antes do bolo assar por inteiro. Dá vontade de chorar.

Pode ter sido isso que veio à cabeça de Lourdes antes de deixar esta vida. Mas não há vida sem ela, sem grandes lembranças. Como aquela da canoa que quase virou e Lourdes vibrou pensando que virar canoas é divertido. Ou aquela história de pular ondas e cair com tudo na areia da praia, rindo de morrer. (Fico imaginando que maravilha seria morrer de rir. Tudo seria mais fácil, até mesmo a notícia dos médicos: “eu sinto muito, mas ela morreu por excesso de risos. Fizemos o possível, colocamos um filme de terror para ela se controlar, mas ela estava muito, muito feliz”. Quem nos dera. Não se deve pedir a melhor morte, bem sei, mas existem pessoas que deviam ter esse direito).

Lourdes era dona de muitas verdades. Estava guardada e sabida de que o dia se aproximava dos olhos. Porém, a verdade absoluta que ela tinha era a de não querer ver a chegada desse dia, ou seja, não queria morrer. Os que estiveram a sua volta se lamentavam interminavelmente, mas Lourdes não queria saber de chororô. Pedia a todos os sagrados que a mantivesse neste plano e que retirassem qualquer previsão ruim a seu respeito.

É provável que em algum canto, não deste mundo, estivesse alguém lamentando a reação de Lourdes, mas pensando em adiar a tal viagem. Foi tanto que remédio algum relaxava seus músculos. Ela queria viver. Conhecer pessoas, casar os netos, brincar com bisnetos e, principalmente, ver o nascimento dos pintinhos de Dona. Tanta coisa ainda estava em seu caminho que não podia parar de caminhar.

Dona era uma galinha preta e bem jovem que Lourdes ganhara de presente, acompanhada de um galo branco metido a besta. Desde que adoeceu, Lourdes não fazia outra coisa senão cuidar de seu casal favorito. Fizera um ninho de amor para os dois, alimentação balanceada e rezava para Dona ter alguns filhinhos.

A frequência de visitas aumentava a cada dia e Lourdes não conseguia compreender a piora de sua saúde. Ela perdia forças nas pernas, nos braços, na fala. E fingia que daria a volta por cima, para não ver seus filhos mais abatidos. Lourdes só pensava na vida, agora não na sua, mas na vida de Leôncio. Ela queria ter certeza de que seu companheiro de bodas ficaria bem, só assim seu bolo estaria pronto. Lourdes e Leôncio tinham cinco filhos, entre quatro mulheres e um homem, muito bonitos e saudáveis. A partir do momento em que cada um deles constituiu família e dignidade, tornou-se compromisso indispensável almoçar aos domingos na casa dos pais. Era muita alegria espalhada no quintal.

Família parece algo de outro universo e na maioria das vezes, é tudo igual. Você, como parente, foi colocado lá sem saber porquê, mas chega um momento em que você encontra sua função. Sempre existe aquele que causa intrigas, ou aquele que quer conversar sobre tudo com todo mundo, ou ainda aquele que nem conversar quer, ou outros milhares de tipos que só uma família é capaz de unir. Existe não só um laço, mas um prenúncio para ser família. A que Lourdes e Leôncio haviam constituído não contava com nenhuma diferença.

Tratava-se de uma família com muito amor, muitas brigas, muito afeto, muitas confusões, muita coisa completamente familiar.

Lourdes se lembrou de momentos sublimes desta família. Festas, casamentos, formaturas, nascimentos, sua maravilhosa bodas de ouro. Alegrias, todas essas. Poucas vezes, ou talvez nenhuma, a família se juntou para chorar. “Está próximo”, pensou. E chorou em silêncio. E foi esconder as lágrimas com Dona, a galinha que devia entender tudo. Quando se aproximou, Lourdes percebeu dona um pouco quieta, quase que estátua. Lourdes ficou apreensiva, com a voz trêmula e fraca: “não vá me abandonar justo agora, sua sem-vergonha! Você não está doente também, está?”. E a galinha, que realmente compreendia o tom de preocupação, levantou-se calma e lentamente. E lá estava o motivo de tamanha cautela do animal: cinco ovos bem dispostos e aquecidos por uma mãe magnífica. As novas lágrimas de Lourdes misturaram-se com as que estavam quase secas em volta de seus lindos olhos verdes. Ela ria de emoção e chorava de felicidade. Uma felicidade momentânea e muito propícia. Uma felicidade que só se explica com a aproximação de morte e vida, o sofrimento com a alegria.

Naquele dia, Lourdes só sabia sorrir. Corria ao telefone toda vez que ele tocava para contar do ocorrido, fosse quem fosse. Até mesmo o entregador de botijão de gás sentou à mesa para ouvir, enquanto era servido com um cafezinho. Assim que todos já estavam devidamente informados sobre Dona, houve quem quisesse fazer uma boa fritada, ou uma vigília para receber os pintinhos. Leôncio, homem sabido, contou os dias exatos para o acontecimento – do nascimento, não da fritada –, e marcou na folhinha que ficava na parede da cozinha.

Mas, à medida que os dias foram se aproximando, também os dias de Lourdes começavam a dar indícios de que eram os últimos. Foi nisso que pensou quando precisou ir ao hospital a toda pressa. Pensou ainda em Dona no segundo dia de hospital, quando disse a

todos: “preciso ir para casa ver meus pintinhos”. Lourdes e Dona eram como unha e carne, companheiras de luta e de sofrimento. Muitos pensaram em levar a galinha e seus ovos ao hospital, já que Dona estava triste com tanta solidão. Não dava mais tempo.

Imagino que, num dia chuvoso, Dona não saiu de seu esconderijo amoroso, muito menos o galo teve ânimo para cantar. Leôncio levantou com dores na coluna, percebeu na folhinha que o acontecimento dos ovos seria logo mais e, antes mesmo de tomar o café, foi checar o ninho. Lá estavam, marido e mulher, fugidos de uma chuva fina, escondendo todos os ovos. Por um momento, Leôncio pensou em ter Lourdes assim como o galo tinha Dona, bem perto. Rápido estava vestido para ir ao hospital. Quando lá chegou, sem nem antes ouvir um “Olá! Que bom que você veio!”, Leôncio foi recebido com um “Os pintinhos estão bem?”. E com um sorriso forte e doce, o marido disse para Lourdes que ainda não havia chegado o momento. E eles se beijaram. E se olharam como da primeira vez que se viram, apaixonados. Abraçaram-se com tanto amor que todos choraram, inclusive eu. Lourdes estava dando os últimos suspiros, disse sabia mais do que ninguém. Mas antes de qualquer coisa, gostaria de ouvir os pios de vidas que ali surgiam, diante de sua morte, mais precisamente no exato momento de sua despedida. E não houve quem duvidasse desse encontro.

passadiço

Toca o telefone feito um alarme disparado. Irrita-me aquela insistência sonora, mas falta-me vontade de saber quem está do outro lado da linha. Tocou até o fim. Não era muito difícil adivinhar quem estava ligando: era Carmem, uma criatura importuna que não para de falar. Este mês ela decidiu dar continuidade a um projeto antigo, praticamente morto e jogado às traças, sobre as ambições humanas. Só o que me faz manter essa amizade entre nós é a minha vontade de escrever poemas. Sim, porque ela não faz cerimônias para jogar-me inspiração. No entanto, hoje o dia estava agitado demais para aventuras de longas conversas. Verdade que evitá-la por muito tempo não seria tão fácil e, portanto, era melhor que o tempo fosse rapidamente aproveitado. Duas pedras de gelo para um *Ballantine's* de alguns anos, uma luminária acesa. O silêncio foi interrompido, desta vez, pela própria voz. *E ti ricordi solamente, passerà*. Envolvia-se com seus pensamentos, com passos de dança e a garganta molhada. Sabia que sua maior ambição estava bem perto, fascinada por aquele revestimento másculo. *Che sia odio, o che sia amore...* Passava na janela um pássaro de olhos vermelhos. Passava também uma mensagem codificada. Tudo aquilo lhe havia aberto o apetite, como se seu estômago estivesse exposto, sensível a qualquer animal. Reviu os primeiros versos, mas sentiu falta de algo. Pela primeira vez não conseguira terminar o poema. Olhou novamente a janela, destruiu os fios do telefone e voltou a falar consigo mesmo. *Passerà, passerà...*

segura essa, rapaz

A brincadeira era acertar o meio-fio com uma bola de borracha, de modo que a mesma voltasse para as mãos de um dos moleques descalços que tomavam conta da rua com toda aquela gritaria. Quando um ou outro acertava, a farra era total. Passavam horas da tarde naquele trecho de rua, entre uma ou duas calçadas. Ela observava da janela, desejosa de estar lá, naquela bagunça masculina. Dia desses, tomou coragem. Pegou a bola suja de cal, segurou-a firme e causou silêncio. Todos torceram o nariz para a pequena dama. E ela, tomada pela classe, fechou os dois olhos, apertou-os como quem estivesse com raiva e arremessou a redonda – um tanto quanto vazia para ir tão longe. Mas foi. E quando a menina abriu os olhos, encontrou, no susto, a bola que se voltara para suas mãos delicadas, chegando a esbranquiçar suas próprias saias. Um dos pirralhos indignou-se:

- Assim não vale!

No que a garotinha respondeu:

- O que vale, então?

Ângelo Puck

O sangue hospitaleiro de Ângelo causa estranhamento aos vizinhos, à namorada e a si mesmo. Ele não sabe até que ponto deve-se acreditar no sonho que teve na noite passada, no qual, o próprio, deixava alguém de braços abertos. Quando existem sonhos, é necessária, pelo menos, meia dúzia de amigos. Sonhar demanda tempo, açúcar e espírito. Mas chega uma hora em que tudo se transforma em lágrima, a hora de encontrar todos juntos para dissipar as fantasias. O rapaz precisa esquecer sua invencibilidade, deixar de lado o que pensa sobre imortais. Seus sonhos costumam ter lugares amplos demais, com redes e cadeias embaralhadas e cheias de coisas só dele. Está tudo em Ângelo. Até que chega o retorno, o dia seguinte, quando tudo volta ao normal e os devaneios se multiplicam. Voa-se em qualquer nuvem, sonha-se em qualquer estação. Algumas amizades reaparecem para tomar essa mesma direção e para darem fim a qualquer ruído perturbador. Para Ângelo veio o ambíguo, inexplicável, incompleto, inconstante. Veio à cabeça a estranha arte de realizar eventos inconscientes, em meio ao caos do seu núcleo psíquico. Quando agora, chegou além e, finalmente, abraçou o sonho com alma e coração, muitos também comemoraram. Realizar um sonho é alcançar uma estrela, encontrar a luz no fim do túnel. É encontrar a verdadeira felicidade ao lado de quem merece estar lá. Se Ângelo sonha, é porque ele é capaz de conquistar um mundo impossível. Ele é feito para isso, para os gigantescos projetos que, se no começo são apenas números, areia e insônia, no final podem ser fotos, concreto e sorrisos. Só assim Ângelo encontra a lógica de unir

os dias ruins às finas esperanças, e as decepções aos mais prósperos amigos. Pronto. Foi interrompido. Rompe-se o lapso da mente e mente com toda insatisfação, mas ainda assim é preciso sonhar.

NOITE

um conto ou um real?

Um quarto escuro com uma cama ao meio. Esse é o cenário do meu conto. Pensei em uma vendedora falida para compor a personagem. Esta vendedora só teria este quarto no bairro Coqueiral de Itaparica, onde, por sua vez, só teria essa cama. Minha personagem está sentada nessa cama e não consegue enxergar nada a sua volta, também não faz nenhuma questão disso. O que ela também não sabe é que as paredes do quarto formam caminho de mofo por todos os lados, e isso me parece ruim. Ela mesma havia comentado uma vez que sofria de alergia crônica a umidade ou coisa parecida. O nome da minha personagem é Lucrécya. Pouco se sabe sobre ela, mesmo que ainda se saiba sobre suas alergias. Porém, essa foi uma das observações que Lucrécya fez questão de colocar na escolha de seu novo quarto, ou seja, um quarto sem umidades. De algum tempo para até o momento deste conto, muitas coisas sucederam-se até que a situação ficasse como está: Lucrécya já morou até na orla da Praia da Costa. Hoje ela não pode pagar nem a conta de luz de seu quartinho, muito menos exigir explicações para tanta umidade por metro quadrado. Fiquei pensando se minha personagem poderia ter ou não cabelos longos, maquiagem na cara, brincos extravagantes, tal qual uma comerciante chique seria. Entenda que Lucrécya perdeu todos os seus bens, mora de favor, pode até estar com a maquiagem completamente borrada, mas jamais deixará de ser chique. Então, ela está arrasada por ter perdido tudo, de alguma forma que não virá ao caso, dado que me preocupo com minha personagem no que diz respeito ao mais importante: ao seu coração. Digamos que nossa comerciante está com o coração partido,

no seu pior e mais doloroso sentido, porque ela terá que começar do zero e não consegue unir forças para pensar em como será esse recomeço. Isso parece natural para muitos que já perderam carro, casa, filhos, marido, mulher, mas não ainda a própria vida – por isso a ideia de recomeçar. Mas Lucrécya não pensa nisso agora, somente eu estou pensando no final deste conto, ou no seu clímax. Agora minha personagem poderia pensar em alguma coisa diferente de somente chorar no escuro. Lucrécya finalmente levanta a cabeça e, agora sim, podemos ver seus olhos pretos e as bochechas coloridas da maquiagem que se dissolve em lágrimas. Lucrécya olha para a única janela do quarto e vai buscar um pouco de ar. Ela está no 5º andar e já pode pensar em outra coisa que não apenas chorar. Continuo pensando que minha personagem deve permanecer chorando, enquanto organizo o andamento do conto. Lucrécya sente o vento gelado secando a mistura de maquiagem e lágrimas do seu rosto e seus cabelos grudam em boa parte da testa e do queixo. A comerciante se debruça um pouco mais na janela, querendo ver o movimento da rua principal. Agora está pensando que se jogar dali de cima seria uma brilhante ideia para uma sexta-feira da paixão, como hoje. Não por causa do dia, que ela nem se lembrou, na verdade. Ela queria mesmo se ver livre de todo aquele sofrimento que a envolvia. Minha personagem nunca pensou tanto como naquele instante em que se via diante de uma grande cruz financeira, e chegou a rir por um momento, imaginando ser o destino dela – fazer-se uma comerciante infeliz (nascida de uma família de comerciantes tão falidos quanto ela, como seu pai, cujo comércio pegou fogo há mais de 50 anos, num bairro pacato do norte do Estado. Desde então, seu pai tentou por diversas vezes se reestruturar, começando por baixo, comprando poucos produtos e reconquistando cliente por cliente. Do norte ele foi até o sul nesta mesma via-sacra-comercial, até não resistir e enfartar financeiramente). Minha personagem tinha muito que pensar sobre essas histórias horrendas de seu passado

familiar. Lucrécya já não tinha mais lágrimas, mais forças, mais ânimo, mais vontade de viver. Ela queria aliviar tanto a dor da perda comercial quanto a dor crônica que começava a tomar os seus poros diante de tamanha umidade. Era inevitável: gritou como se estivesse tirando forças de outro corpo. Eu gostaria de ajudá-la neste conto, pois minha personagem parece muito, muito infeliz. Mas isso não é tão óbvio assim. Ora, minha personagem é infeliz desde muito antes de começar este conto, ainda quando era rica e uma comerciante renomada. Ela podia provocar inveja por onde passasse, principalmente no calçadão, sempre acompanhada de sua *poodle* Vivi. Minha personagem tinha amigas ambiciosas que a bajulavam. Entretanto, tudo isso sumiu de repente, sem que ela pudesse se despedir. Foi realmente triste estar assistindo ao grande momento de minha personagem, quando ela se deu conta de que nunca fora feliz. Eu jamais saberia como terminar este conto. Todos escutaram o grito de Lucrécya e, imediatamente, subiram para acudi-la. Muitos pensaram que pudesse ser um assalto, mas assim que tiveram conhecimento de onde vinham os gritos, descartaram essa hipótese porque sabiam que Lucrécya não tinha um centavo. A síndica do prédio abriu a porta com as chaves-reserva e uma multidão se espremeu naquele estreitamento como disputa para quem chegasse primeiro ao centro do quarto escuro, onde estava Lucrécya, deitada na cama. Ela dormia, em sono profundo, tão profundo que pensaram que ela pudesse estar morta. Por isso, já não andavam mais, não queriam chegar mais perto, com medo da morte. Somente a síndica deu mais um passo e conseguiu avistar que em uma das mãos de Lucrécya havia uma nota amassada de um real. As mãos fechadas deixavam escapar as pontas verdes da nota e o aspecto de molhado ou suado. Mais um passo e, uma das pessoas, com os dedos em formato de pinça retirou das mãos de Lucrécya a nota de um real e saiu correndo por entre os espaços vazios. Os poucos que sobraram dentro do quarto úmido foram saindo devagar.

olhar da ponte

Mãos úmidas se entrelaçam para formar uma rede rígida de galhos. São folhas novas, tão verdes e amargas que mal balançam as fibras de clorofila. Não querem justiça, amor, auxílio, fama, caridade. As árvores fincadas no morro por vidas desconhecidas ou forças passadas sustentam raízes velhas, porém descansadas e com um único fim. Fim este que não existe, pois são eternas essas árvores fortes e vistas pelas horas, pelos dias e eternas árvores são essas que todos veem e não pensam. Apenas olham no topo de todas e percebem: o Convento da Penha.

o aprendiz

Um menino que pouco sabe e muito vê adora ficar no meio daquelas pessoas vestidas de branco e outros tons. Senhoras negras e gordas tornam-se assustadoras aos seus olhos, mas o menino não sabe dos fenômenos que está vendo. São principalmente mulheres dançando em círculo, resmungando o indefinível e fazendo movimentos com as mãos. Todas têm lenços brancos nas cabeças com outro lenço vermelho ou amarelo ou azul-claro sobreposto. Todas estão de vestidos rendados e detalhados com mais cores e o ainda prevaletido branco. O menino vê muito tudo aquilo, somente ele está de olhos abertos. Mas há também homens que tambozeiam a dança como guardiões de alguma coisa que, segundo os olhos do menino, não se sabe. Junto com os tantos cordões dourados de tantas mulheres negras e gordas e assustadoras estão os ticunduns ritmados da aliança de pedaços de pau com caixas de tinta vazias. O menino se prende ao som e às cores como quem dá uma vida: os homens também começam a resmungar coisas ritmadas, diminuem os intervalos, engrossam as vozes e batem com força os pedaços de pau nas caixas, chegam mais perto do círculo feminino que parece acelerar os passos, e o que era vermelho, amarelo, azul-claro e dourado transforma-se em laranja, verde-claro, dourado-escuro, laranja-claro, marrom-claro. Surge uma fumaça no centro da roda que faz o menino tossir duas vezes. Ele levanta a cabeça e vê uma mulher se aproximando da fumaça e insistindo com os mesmos movimentos coloridos e sonoros.

Para onde quer que olhe, vê o preto no branco, ritmados e agudos, coloridos com graves esfumaçados. A mulher que destoa

da roda esbugalha os olhos de repente. O menino não sabe o que esse fenômeno significa. Os olhos brancos, completamente brancos, envoltos por pálpebras avermelhadas que antes eram escuras. A mulher caminha por todo o local, olhando todos com aqueles olhos, todos que não veem. Porém o menino fica onde está, vendo tudo aquilo, e não respira.

degela

Mal conseguia tocá-la, de toda frigidez. Ali havia um corpo fragmentado, semitransparente, envolto por uma camada de ar que se estranha demais. Ela estava ávida. Ainda que fria, parecia sedenta, mórbida. Algum fluido tangente instigava as suas curvas. Tudo ficava em suas frestas de cristal que surgiam a cada denso instante, deixando tanta frialidade. Alguma fusão sedutora começava a dilatar o que antes era sólido. Assim a solidão ia dissolvendo os sentidos, modificando volumosamente o desejo. Tornando-a subjugada pelo encanto de ser sentida, liquefeita.

à luz dela

No meio de tantos fachos de luz, uma senhora parece perdida e completamente desesperada, enquanto mais um rolo é desmontado no balcão. Uma claridade repentina sempre causa dor importuna, ou estraga imagens de felicidade, não há como prever. Um cavalo correndo contra o vento, três crianças brincando ao sol. Um casal abraçado debaixo de um guarda-chuva. São tantas as imagens. Uma senhora como aquela não deve estar tão abatida só por causa de umas pequenas mudanças à vista: tudo agora parece mais claro que o normal. As luzes que ali se acendem não passam da generalização atenuada de uma vela. Com treze centímetros ilumina-se um raio de quilômetros, pensei. Mas não me parece tão possível que nem mesmo o sol tenha abandonado aquele trajeto por conta de uma senhorinha. Aquela luz incomoda-a mais até do que um tormento físico, e queima a fita de tal forma que é bem capaz de sorriso nenhum ser capturado nesta tentativa. Uma forte dor já insiste nos meus olhos porque a luz não perde intensidade, por que a luz não perde intensidade? Pelo tempo que ela está acesa, já se espera ou a minha adaptação à sua brancura, ou a diminuição gradual da sua força. Porém, nada disso está acontecendo e, pelo contrário, parece que o brilho começa a causar-me cansaço. Consigo ver lágrimas escorrendo na face enrugada da pequena senhora. Consigo escutar seu desespero completamente iluminado. Consigo sentir seu coração disparado como uma máquina de costuras, com suas agulhas finas e ágeis que perfuram qualquer superfície fragilizada pelo desgaste de uma luz. Consigo também me desfazer de sequências desconexas

que só agora consigo enxergar, finalmente consigo. Pela primeira vez, durante todas essas horas, a senhora agora me olha, e me olha como quem olha um cardápio de restaurante. Sem saber o que dizer, prefere continuar olhando. As lágrimas não param de cair um só momento, no mais insuportável silêncio preenchido de luz.

Depois de seis meses em plena escuridão, ser perseguida por uma luz incongruente deixa de ser saída, para se tornar entrada de lembranças acordadas num solo pouco abatido. A própria dependência obscura que prevalecia entre o seu corpo e a inconveniência das mesmas piadas atrasadas deixava-a estática. Todos os dias, o único desejo era permanecer sem luzes. Luzes podem nos causar descobertas indesejáveis, falava. Nem sequer a chama acesa do cigarro fazia sentido então. A senhora esqueceu os óculos ou, de repente, os trocou por algum anestésico. Mesmo o escuro causa dor. Tudo o que planejava, quando planejava, deveria ser rigorosamente seguido. O que empurrava seus tendões era a fuga de níveis, que sempre, por meio de alguma força bizarra e assustadora, sugava-a novamente de volta. São como os raios de luz que se aproximam do interior de um grande buraco negro, prestes a serem devorados por uma pressão intensamente escura. Ela sorria mesmo assim, somente à sombra, mas às vezes sentia que seus órgãos estavam sendo espremidos, ou que alguma substância toda anormal corroía suas veias.

Eu não sou de total infeliz. Nunca convivi tão profundamente com o sombrio, mas todos os dias parecem ser alternadas noites vermelhas. São minhas mãos que não cessam um minuto para sentir a triste ausência de luz com que me ocupo. Mas a triste ausência de luz não quer dizer minha tristeza diante da escuridão. O que me atinge com felicidade é a descoberta de cada imagem, passo a passo, como um nascimento de uma segura lembrança. Talvez porque o mar não seja negro, ou porque minha idade não tenha se avançado tanto. O problema é que a vermelhidão também causa suas sensíveis dores.

O efeito não se revela por pura falta de cor, mas existem manchas que me fazem complicar a mente. E, o que do papel parecia traduzir perguntas, nesse caso elas parecem brotar desses borrões como jamais o fizeram.

A senhora que se tornou pergunta por uma simples complicação de luzes, torna-se minha completa descoberta. Fica claro o que encontro nesses olhos encharcados, nessa pele padecida, que nada oferecem. Pode-se apagar a luz novamente e deixar-me viver companhias vestidas de cinza e transparência, como vivem os espectros incandescentes. Como se encontram novamente, familiarmente, no sereno e em meus retratos.

Clara & Alice

Diz que numa noite estranhamente quente, encontraram-se entre um bem e um mal desconhecido. Estavam todos os dias no mesmo lugar, na mesma hora, mas era a primeira vez que mãos tão diferentes foram tocadas, acariciadas. De certa forma, existe uma lógica nisso. Quando o sol ainda brigava por um espaço entre as nuvens no mesmo dia, a rua parecia calma, apesar de ter sido lavada por uma surpreendente tempestade. As pessoas corriam desesperadas e gritos femininos ecoavam nas calçadas entre uma trovoadas e outra. Os carros que conseguiam atravessar a avenida sujavam as vidraças que separavam os manequins do tempo. Alguns davam passos largos, sem nenhum olhar para trás. As duas entreolhavam-se e buscavam esses olhares por baixo de cada guarda-chuva encharcado. Ainda pode-se sentir o cheiro do que ficou para trás, completamente molhado. O calor chegou apenas para reviver esse olhar que havia se perdido em algum canto de água. Esse que vai secar equilibrando-se entre as duas virtudes, mostrar-se ao tempo e retornar como nova tempestade inesperada.

um dominó para Tolstoi

Não me parecia que todas aquelas pedras de marfim diziam qualquer coisa, a não ser um pálido conjunto de paralelepípedos, sem estratégias. Vinham-me poucas, quase nenhuma estratégia à vista para este ou aquele outro jogo a que me pertencia: o amoroso. Quando se aproximou de mim, o senhor sorria e trazia um gorro exorbitante, feito de pele de coelho. E misteriosamente nada me disse, apenas misturou todas as peças com paciência e olhos negros. Eu desviei o olhar por insegurança e, em seguida, percebi que estávamos numa fria Rússia. Pude respirar o frio das lembranças calorosas. Eram momentos que não necessitavam do frio, já que havia alguém com quem trocar palavras de calor. A memória congelava-se a cada tentativa de lembrar, lembrar e lembrar. Lembro-me que perguntei a mim mesmo se ela estaria sentindo o mesmo frio que eu. O jogo estava armado. Um duplo-seis dispunha-se elegante. Perguntei de Ana ao homem, mas não obtive sucesso. Só restava prosseguir naquela nebulosa mesa sem tabuleiro. Minha ponta de seis formava um seis-três, que completava um três-cinco e depois um cinco-dois. Em que momento trataríamos de nos cumprimentar modestamente? Sufocava-me tudo aquilo. Eu havia de ganhar-lhe a partida? Olhei-te novamente e nada consegui extrair. Equilibrava-me entre jogar e compreender onde estava Ana.

- Tragam-me uma vodca! Gritei, perdendo o controle, feito Nicolau.

O senhor, que ainda não se encontrava sem o gorro, continuou estático e analisou suas possibilidades na jogada. “Não é possível que ele tenha estratégias”, pensei inocentemente. Eu tinha três rodadas

em mão, e não sabia como proceder. Tentava chamar-lhe a atenção de todo tipo, embora estivesse exausto para persistir:

- O gelo explodiu teus miolos? Por Deus! Pare com este jogo ridículo e diga-me como poderei ver Ana. Não me faças de tolo, eu imploro.

O homem só precisava de uma ponta de cinco e, como a neve exagerada lá de fora, vieram duplos de quatro para ele. Houve um fecho.

- E então? Caiu-me uma lágrima de pavor pelo que pudesse suceder.

Ele juntou as pedras, uma a uma, com muita cautela. Começou a alinhá-las em pé, construindo uma sequência holandesa. Já não tentava entender a que filete de tempo nos dedicávamos, tampouco tinha forças para sair dali. Quando, por fim, todas as peças estavam dispostas em fileira, à semelhança de um exército russo, o senhor bebeu o último gole de vodca do meu copo e levantou-se. Olhou seriamente para mim e tocou a primeira pedra branca da fila de outras pedras brancas. O exército se desmanchava diante dos meus olhos enquanto o senhor saía pela porta da frente. Eu o seguia, preocupado com o término da queda de todas as peças. Ana estava do outro lado da rua, acenando com um pequeno lenço azul. Corei-me instantaneamente, sentindo o palpitar do coração, gelado que estava. Podia ler em seus lábios as estranhas palavras: “*domino gratias*”. Não pude compreender, mas sentia-me mal. Não havia vitória nem derrota, como em qualquer vida mundana. O homem saía numa carruagem sem se despedir e Ana sumia à medida que a rua ficava mais larga. Eu não conseguia gritar porque não ouvia minha própria voz. Sentia que queria Ana de volta, mas ela tinha-se ido, como um jogo em que as peças se perdem ou são escondidas pela desonestidade. Retornei para dentro, obrigado por um frio cortante, e quando me sentei, já as pedras estavam misturadas e distribuídas. O sol que jamais teria saído dali derretia muita neve vista das janelas.

momento de ar

Meus dois longos anos não duraram tanto como estes minutos cheios de persistência de minha parte. Ê, porque viver em águas não quer dizer nada, disseram-me uma vez. Sempre me orgulhei do oceano por causa das ondas e do surf. Sou especialista nesses dois, mas sem prancha! Um dia me disseram que isso, ah, isso nem era muita coisa. Que o céu é muito maior que o mar. Mas os dois são azuis,oras. Aliás, eu sempre achei que o céu fosse mero reflexo aquático. Como assim? Perguntaram-me uma vez. Reflexo oceânico: o mar é o que causa o céu. Sem mar não há céu. Sem água não há ar. Só que isso me causou estranhamento a partir da segunda vez. Toda vez que eu chegava à crista da onda, me esticava todo para alcançar o céu. Poder sentir o céu, tocar o ar. Era como voar sem asas, com nadadeiras. Estranho mesmo são asas não poderem fazer nadar e nadadeiras não poderem fazer voar. Pensei em pássaros. Tive absoluta certeza de que, em toda comunidade de aves, ao menos uma andorinha compartilhava comigo a mesma dúvida pelo simples desejo de poder, um dia, nadar com asas.

Por mais que eu quisesse, jamais conseguiria respirar completamente aquele ar. Nunca, disseram-me novamente. E eu fiquei furioso de arrancar escamas. Se eu fosse ao menos uma tainha. Se eu fosse ao menos um peixe-pássaro. Eu seria uma aberração. Então, o problema seria outro. Fiquei pensando que pior do que a minha situação só mesmo a das algas-marinhas e a das estrelas-do-mar. Algas vivem presas às pedras ou às correntezas. As estrelas ficam boa parte do tempo lá no chão da areia. E nenhuma delas

tem asas ou barbatanas. Umas coitadas. Não há o que reclamar: em oito anos conheci águas mornas, frias, quentes e congeláveis. Isso já faz de mim um peixe de muitas experiências relevantes. Algumas marcas de anzóis das minhas batalhas contra varas de pescar. Mas numa rede eu nunca caí. Se tivesse me agarrado numa rede talvez eu sentisse por completo o cheiro do ar. E talvez nunca mais voltasse, disseram-me uma vez. Pior seria se eu não gostasse do ar. Mas eu hei de experimentar porque só dessa forma irei descobrir. E finalmente criei a mais forte das coragens, a mais incrível, a mais insensata, a mais extravagante. Passei sete marés cheias acumulando energia para conseguir realizar o sonho mais sonhado de todos. Esperei passar a lua nova. Despedi-me de alguns. Você é maluco, disseram-me dessa vez. E cheguei ao local onde eu mais gostava de ficar, na beira do mar, com as ondas agitadas.

Pensei que, por um momento, eu tive tudo e me desfiz por causa de um caprichoso sonho. Pareço um jovem, porém com rugas coloridas. Talvez seja assim mesmo, as ondas se renovam todos os dias. Ensaiei um salto. A praia está cheia. Em segundos percebi sombrinhas de praia, bolas, discos, gritos, sons. Eles pareciam felizes respirando aquele ar. Por que não? Contive-me novamente. É tudo o que eu tenho: a minha coragem. Voar não posso, nadar já enjoiei. Quero sentir o ar. Com impulso, peguei uma onda brava e alta. Gritei na mesma intensidade da força que fazia para fora da água. Até não poder mais sentir nem uma gota. A pancada na areia me deixou tonto e surdo de um lado. Quando eu abri os olhos, só vi crianças feias e escandalosas. Mas, calma, esqueça os outros e respire, sinta o ar, disse a mim mesmo. O ar. Não tem cheiro algum, a não ser de praia. Alguma coisa tentava secar minhas escamas e eu passava a sentir frio, um friozinho agradável, diferente das águas glaciais. O ar. Este é o ar então. Mas não parece que ele possa me sustentar. Já começo a sentir falta de água, da minha água salgada. Vou tentar, pela última vez,

voar com minhas barbatanas. Um fracasso. Alguém colocou as mãos em mim, mas eu só quero sentir este ar tão pequeno. Ele não é grande o suficiente para mim. Vou precisar de um pouco mais, gritei. Traga mais ar, por favor, ele é bom, porém é pouco. E ainda dizem que o ar é maior que o mar. Eu nunca precisei pedir mais mar, e isso há oito longos anos. Mas, ah, estes minutos fizeram-me sentir um pouco de coragem no ar.

casca e véu

Já haviam sido todas perdidas aquelas ameixas maduras que manchavam as cestas, as calças, os laços, os pães. Um suco encardido dava cor às cortinas ao redor, a sua vida mantida em silêncio. Apagaram-se todas as esperanças em cada vela acendida e levada pela ventania de um final de tarde. Misturados, polpa, parafina, tecido, desejo, mentira, amor. Em suas mãos, metade da garrafa que ela quebrara na confusão. Vinho tinto, quente, encorpado, desperdiçado. Ao lado de uma coragem atrapalhada, deixou para trás todas as portas entreabertas, barulhentas. Desceu meia dúzia de degraus, hesitou o retorno, olhou à sua volta. Olhou para si mesma, suja, de mãos cortadas, de orgulho ferido. Encontrou uma vida ali mesmo, bem perto. Perto o suficiente para ser apanhada de imediato. Ainda que tenha deixado de enxergar naquele mesmo instante, seus olhos estavam bem abertos, resistindo a uma não-consciência. Finalmente soltou aquele pedaço de vidro ensanguentado. Gemeu alguma palavra ignorada. Sentiu-se segura novamente, envolta por água e mais água. A força surgida de um grito significava anormalidade. O ambiente havia mudado, seu fôlego perdido. Não sentia nenhuma das pernas, e compreendeu então aquela água sem fim. Não demorou que lhe faltasse a fala engolida por um juízo despercebido.

a vida em um pulo

- Você vai pular mesmo?
- Otário, o que você acha? Subi aqui à toa não.
- É que a demora é tanta que eu começo a pensar em coisas.
- Que coisas, palhaço? Quer cuidar da vida dos outros, mas e a sua?
- Minha vida depende da sua também. Eu quero saber se você já vai pular.

Aquele diálogo em plena Terceira Ponte, com as luzes se acendendo de pouco em pouco e o trânsito formado daquele ponto para trás, fazia de Paloma alguém que não sabia mais no que pensar. Como poderia ela imaginar que no instante de seu pulo seria interrompida por um curioso. Nem mesmo ouvia a sinfonia de buzinas que começava a ensaiar um grande e insuportável som. O caminhão deu início ao show com uma buzina grave e pesada que ecoava até o final da fila. E lá do final o motorista do ônibus respondia com buzínadas curtas e agudas. Fez isso por cinco vezes. Uma cabine dupla parecia ter disparado o alarme quando seu dono afundou a palma da mão para participar. Os motoqueiros buzínavam furiosos por não conseguirem atravessar os corredores, já que os carros se desorganizavam na tentativa de achar uma saída.

- Para de falar merda. Preciso me concentrar.
- Você já está aí em cima, sentindo um puta vento gelado e ainda precisa pensar?

Paloma colocou os braços para frente e começou a olhar a si própria. Abria as palmas das mãos e fechava-as como quem quisesse sentir pulsações e testar articulações. O sangue já estava bem quente.

- Não vê que tudo se resume em morte?

- Como?

- Tudo se resume em morte. Alguém reza para morrer bem, alguém vive pouco para morrer melhor, alguém faz doações para ter a morte lembrada, alguém...

- Você diz, as pessoas pensam sempre em morrer?

- Todos pensam.

E pulou. Paloma pulou para a morte sempre pensando nela. Com os dois braços abertos, as veias quentes pareciam saltar da pele, deixando o corpo nu da menina completamente tatuado. Ninguém ouviu o barulho do corpo batendo na água, nem impacto algum. Ninguém sabe dizer de Paloma. Ninguém se viu presente naquele momento vital para a sua morte.

a superfície do mundo



àqueles que não ficam somente na superfície do meu mundo
e para Hendrik e Neia, Francinne e Thaíssa, Izabella e Alice

Se desse um grito – imagino já sem lucidez – minha voz receberia o eco igual e indiferente das paredes da terra. Sem viver coisas eu não encontrarei a vida, pois? Mas, mesmo assim, na solitude branca e limitada onde caio, ainda estou presa entre montanhas fechadas. Presa, presa. Onde está a imaginação? Ando sobre trilhos invisíveis. Prisão, liberdade.

CLARICE LISPECTOR

Sumário

nós em risco
aguardo leitor
outras linhas
colagem
desconto
lacunas
pés
o varal das chaves
heroína
apetite
o dia regulado
a superfície do mundo
míngua
passava pelo coração
museu de cera
a borboleta
pensamento
bemal
inquilino dos cotidianos
amor-te
Lewis Luís
a mente
um caldo de lágrimas
a invenção da vida
até breve

quatro ventos
primeira leitura
parênteses em diário
relato sobre a caixa
échos de espelhos
depois do fim
câmera lenta

nós em risco

A cada frase, prendo todo ar. O ponto final agora é um botão de alarme que permite escapar o ar aliviado. Nunca finaliza. E, assim, cada vírgula torna-se espaço para o engolir seco da saliva que tenta, em vão, desatar o nó da garganta. Mas se pudesse negar algumas verdades sobre a escrita, tudo escrito seria mentira ou exato: um risco. A autenticidade de tais palavras depende de uma leitura pessoal, fazendo desta autoria tanto pó quanto migalha. Impossível escapar.

Sofre o texto, sofre o escritor, pois a letra se faz espinho nas minhas linhas. Fere-me, evita o aparecimento de outras ideias, mas, ao mesmo tempo, libera um pedaço à frente na folha. Linhas espinhentas ou finas como fiera cortante. Fios embolados e nós, sempre nós a complicar a vida. Pois que demora o tempo para desatá-los e, desatando-nos, faltará qualquer coisa ou os fios serão mantidos tensos, nunca mais retilíneos, nunca na mesma linha.

Os espinhos rasgam as linhas que viram círculos e minhas palavras chocam-se de várias maneiras. Ainda, e só assim, respiro ponto a ponto. Então o texto é mesmo um fio frágil, não-retilíneo, mas preponderante. Quanto mais verdadeiro suspeitar, mais em seus traços formam-se símbolos. Ficção é ficção, nada mais. Tudo: ficção é fricção, aquilo que se repete, movimento, até ficar perfeito em linha, em fios, em verdades criadas. Eu, trapezista. O fio, curto e quebradiço, a equilibrar a leitura. Vejo-me riscada. Não, arriscada. Não sei: não escrevo.

aguardo leitor

Olho-o de um local seguro: daqui posso vê-lo sem perigo de ser reconhecida. Afinal, o que ele espera sentado naquele banco? É uma praça inóspita, vale dizer. Os seus olhos se perdem no livro e vez ou outra achei que olhasse diretamente para mim, com olhos livres, com a mesma intensidade que lê, página por página, história por história. Eu não sou a única personagem daquele livro, essa é a realidade. Imagino-a comigo, solta em ficção, pois há alguma nuance que me obriga a publicar outras páginas. Mas não publicarei até que descubra o sintoma dessa leitura que observo. O leitor se mantém calmo demais? Aflito demais? Não sei definir. A única coisa que descobri é a sua inteira paciência para com um único livro, o meu livro, ou seria melhor, o livro dele?

outras linhas

É importante encontrar as pontas, disso ele sabia como ninguém, mas quando se quer organizar todas as linhas, tem que se buscar as extremidades e, com elas, ir abrindo caminhos preparados. Desenrolar: colocar as pontas no meio das complicações e reencontrá-las ao final. Ele pensou em tudo que foi feito. Lembrou-se de quando a maioria das suas tentativas falhava porque qualquer contato precipitado era difícil, devastador. Com isso, a linha crescia e ganhava comprimento, e isso dá início às esperanças, transforma plexos em saídas tão procuradas.

Um enredado de linhas juntas, mesmo que coloridas, não têm muita utilidade. A embolação só é interessante para os que não estão no bolo. Assim, ele começou a desenrolar com uma ponta até achar outras. Como uma saúva, que mede a folha com suas próprias pernas, ele media cada centímetro de linha, depois continuava a retirá-las do alinhado. Afastados os pedaços lisos, nasciam alguns atritos, um nó aqui, outro ali. À semelhança, mais uma vez, da saúva, rasgava com os próprios dentes esses impedimentos e sempre continha-se, controlava-se em si mesmo.

Depois, era preciso dar utilidade às linhas soltas e completamente retas. As linhas desprendidas, limpas. Porém, ele sabia que, a partir daí, deveria criar tranças, misturas e desvios.

colagem

Abrindo, abre-se um mundo. Aqui e ali, um pedaço de cada uma delas forma decerto uma ordem, um objetivo, uma espécie, realidade, hipótese ou fantasia. É claro que, ao se formar tanto disso, as páginas se avolumam, embaralham-se à cabeça quase aberta de sonhos. Não só as palavras são coláveis, mas também as páginas revelam inúmeras vantagens de destaque. Pois mesmo presas ao miolo elas podem ser distraídas quanto à ordem. Leiam-se as ímpares antes das pares, ou não. Leitores e leitoras são incríveis: outro dia, página em branco, ou palavras soltas em caos, continuam mesmo assim.

desconto

Poderia ter juntado todas as roupas espalhadas pelo chão. Poderia. Delas, teria feito um ninho de tecido e assim conseguiria extrair apenas um sobretudo cinza ou acinzentado pelo tempo. Do resto, reconstituiria o ninho e lançaria ao armário em uma única tentativa. Também vestiria a peça cinza e certificar-se-ia de que os bolsos eram suficientes para caber todas as letras. No mesmo instante, tomaria o café doce do dia anterior e descobriria no noticiário que a chuva aproximava-se. Perceberia, por certo, o céu azul em profunda guerra com as nuvens. Saberá, após algumas reflexões, que tudo voltaria ao normal. Normal? Sem dúvida, desconfiaria desse estado – a normalidade.

Sentiria fome, em algum momento. Mas compreenderia se a fome só apontasse após os minutos de ponderação. Desistiria – sem arrependimento – de pensar em si. Desistiria ainda da isenção de normalidade. Viveria sempre em companhia da dúvida e da sensatez, das letras rebentadas e de um bolso bastante

espaçoso. Caberia tudo o que escrevesse, e disfarçaria caso precisasse recorrer a alguma palavra mal formada. Precisaria, quem sabe, de uma lupa, de um lenço e de qualquer razão. Entenderia que a facilidade só é conquistada com muito tédio. Ou o contrário. Não conseguiria deduzir tantas letras afinal. Não aparentava tamanha disposição. De maneira inevitável, precisaria desculpar-se.

lacunas

A porta da casa havia sumido. Não sabia como entrar lá senão por meio dela. O homem ficou paralisado frente à casa sem porta. Permaneceu até compreender que deveria entrar pelos fundos. Quando entrou, um susto: os móveis da casa sumiam com o simples olhar. Seus pertences não estavam mais lá como ele os havia deixado na noite passada. Lembrou-se nitidamente do momento em que saiu de casa: terminou de tomar o leite gelado, olhou-se no espelho para ajeitar o cabelo, tirou o molho de chaves do prego atrás da porta da cozinha. Naquele momento, vinha um sentimento de perda, mas logo percebeu que era saudade de sua terra natal, onde viviam os pais e os irmãos. A última vez que esteve naquela cidadezinha em que crescera, ele nem se recorda. Olhou para trás e constatou que a tv estava desligada, tudo estava em seu lugar – exceto sua cabeça latejante. Apagou as luzes da casa e trancou a porta pelo lado de fora, a porta que agora não estava mais lá.

O trabalho noturno mudou todos os hábitos daquele jovem homem. Há anos, suas ações se resumiam em levantar-se da cama, seguir para o trabalho e doar-se, inteiramente, doar-se ao labor.

Um estranho alívio supria todas as suas lacunas, mesmo as do pensamento. Nem um susto podia abalar tanto aqueles olhos. A satisfação quebradiça agora era testada. Tudo sumia. E retardou até que se importasse. O próximo objeto a sumir poderia ser ele. Como não desabar com a presença frouxa? Era um homem – lembrou-se – feito de carne, osso e honradez. Não sabia dizer se aquelas peças deixariam certo vazio ou se não perceberia diferença. Sofria de

lapsos: cada piscar de olhos denunciava mais uma falha estética do local. Olhou para trás pela última vez e desistiu de todas as janelas. Aproveitou para sentar-se, enquanto ainda havia chão.

Os nativos eram maiores do que se contava nas cartas. Verdadeiros gigantes, eles pisavam em tudo aquilo que não os agradava. E as poucas cartas que chegaram do outro lado do oceano chegaram por muita sorte dos outros povos, apesar de haver informações estranhas, às vezes enganosas. Uma coisa era certa: os gigantes eram donos de sua própria história. Somente a eles pertenciam os fatos.

No entanto, com o tempo, várias foram as cartas que saíam daquelas terras. E muitas informações, sendo falsas ou não, chegavam às mãos impróprias. Falava-se das peles que viravam retalhos, das cascas dos troncos que se acumulavam no chão formando a crosta, das superfícies das casas que eram capas isolantes. Tudo era mal visto. Os gigantes amiudaram em pouco tempo, tornando-se fracos, gordos e desmemoriados. Hoje eles andam em silêncio, mas continuam pisando onde não devem. São intrusos que falam somente com os pés. Só esses pés ainda contam alguma razão. O resto é tudo mentira.

o varal das chaves

O cheiro forte era sentido de longe, mesmo que o olfato tivesse se perdido naquelas noites passadas. Tudo o que era orgânico estava apodrecendo, inclusive homens e mulheres. Não havia outra saída a não ser recomeçar. Aqueles que viveram meses ou anos enclausurados, os presos de todas as cadeias, somente eles poderiam reiniciar os projetos do mundo. Há uma semana, não compreenderam por que não chegava mais comida e, a cada hora, sumia mais um oficial. Quando restou apenas um, os detentos foram soltos em sinal de recompensa por sobreviver àquele tempo devastado. O que existia então era a sobrevivência, não mais a vida conhecida e organizada, não mais os mantimentos nas prateleiras, os semáforos programados, os alarmes ativados, os relógios sincronizados. Havia, sim, fome e necessidade de renascimentos. Ninguém estava esperando por eles ao largo da avenida, no percorrer das ruas. Há uma semana, sumiam famílias inteiras sem a menor cerimônia.

Muitos percebiam a liberdade tão vazia que se recusavam a continuar. Hesitavam ultrapassar as saídas e pensavam sempre em retornar às celas. O mundo lhes dera mais uma oportunidade? Os homens livres não eram mais livres? A busca pela explicação de todas as coisas, a recorrência de suicídios, a intensa reforma dos seus pensamentos. Era preciso criar raízes novas, ramificá-las e, também, derrubar os muros. Fez-se mais, cada vez mais. Até que foi encontrado, no alto da montanha mais alta, o varal. Alguns riram por horas sem compreender a existência do longo varal, tão extenso que não se sabia até onde iam suas extremidades. Colocavam graça principalmente

porque era um varal atípico e mesmo estranho. Mas depois de tantas surpresas, um varal que estendia chaves não foi notícia por muito tempo. É claro que despertou curiosidade por todos os cantos vazios. E é claro que mesmo os seres mais primitivos daquele mundo novo gostariam de entender o sentido daquilo. Centenas de varas paralelas fincadas em terra e unidas por um cordão que segurava chaves novas, velhas, coloridas, enferrujadas, grandes, pequenas, uma variedade interminável talvez. Algumas secavam como couro de boi, até ficarem bem rígidas e diminuídas. Outras podiam passar anos ali expostas que jamais se tornariam menores ou diferentes. Ou, quem sabe, precisassem mesmo de muitos anos para isso acontecer.

Todas aquelas chaves abriam alguma esperança. Abriam possibilidades desconhecidas. Abriam caminhos. Quem os havia fechado? Elas ficavam penduradas e semipresas, esperando quem fosse. Era só querer ir buscá-las. A partir de então, a descoberta dos dias estava feita. Descobriram que o varal era mesmo infinito. Cada vez que se retirava uma chave, outra aparecia ali, à espera de uma nova vontade. Elas também, as vontades, eram intermináveis. À medida que surgiam mais chaves, mais portas eram abertas. Até que os novos habitantes perceberam que certas portas deveriam ficar fechadas. Mas, uma vez a porta aberta, depois que alguém a transpusesse, era impossível acabar com ela.

Por isso, foi preciso criar regras para a utilização das chaves. Começaram a construir uma cerca para evitar que as pessoas chegassem muito perto das tentadoras chaves, embora a cerca fosse uma construção inacabável. Depois, cresceu a cobrança de impostos pelas chaves já utilizadas e colocaram pedágios em cada entrada das portas mais procuradas. Parecia que tudo voltava ao normal, apesar dessa novidade do mundo. Pois as ambições foram surgindo e tudo mudado era tão parecido com aquela sociedade antiga. Estranhamente, o planeta voltava a girar como antes e as pessoas

sentiam, todos os dias, os movimentos da rotação. Era mesmo este o combustível da vida: a continuidade? Quem instituiu este mundo? E o que fazer com o que estaciona o mundo?

De fato, as dúvidas não se acabaram. Mas, com a reconstrução dos muros, ficava cada vez mais difícil o acesso às ruas e, principalmente, às chaves. Os novos habitantes já estavam mais calmos e se sentiam até mais seguros com a volta do mundo. Assim, realizaram festas, reorganizaram o calendário com todas as mesmas datas comemorativas. Para cada evento, uma porta se inaugurava e, no início, tudo era muito alegre. As pessoas confiavam nos guardiões do varal, já que a vida estava realmente mais bonita. Havia, porém, outro sentimento de desaceleração, algo inquietante que só acabava com o nascer do sol e o certificado de que tudo se encaixava, como chave em fechadura. Talvez fosse apenas uma enxaqueca, afinal o sossego era visível naquele mundo.

As chaves viraram objeto de pesquisa para serem compreendidas e, depois, clonadas. O medo de que elas acabassem de repente podia enlouquecer. Já era impossível imaginar a vida sem contar com as portas, mesmo quando uma abertura era infeliz. Acostumou-se com as trágicas portas porque a superação também era mais intensa. E viver naquele mundo era bom. Ninguém mais conseguia sentir o cheiro podre, embora ele nunca estivesse sumido.

Quando perceberam que o cheiro fétido vinha de alguns habitantes, trataram rapidamente de criar a primeira penitenciária do mundo novo.

heroína

Desafetos eram o ponto de partida. O dia foi cheio com polícia, muro, suor, miolo quente, morro, bate-boca, gritos, perdões, e Vulto queria dormir, embora fosse impossível antes das 4h. Havia separado toda a mercadoria para M.F. buscar, antes que ele mesmo fizesse o serviço. “Ser mula nunca mais”, falava para si, dono de uma ascensão orgulhosa: era o chefe do tráfico. Outros viriam, mas ele só queria ver M.F. subir com tudo – tudo aquilo que se tornou dele, também por merecimento do cargo.

Ela subia a escadaria que tem nome de heroína, e fazia questão porque, por ela, andaria sempre com um balde de água quente nas mãos, em razão dos inimigos e também dos homens sujos. Por ali, toda vez que passava, tinha a mesma visão da ladeira afunilando-se e eliminando saídas, contribuindo para o nascimento da coragem de um ícone feminino: ela. As paredes também se entregavam, “destrua o sistema”, “tudo dito, nada feito, fito e deito”, “meu corpo, minhas regras”, “só a liberdade transforma”, “revolução, foda-se o patrão, foda-se o padrão”. Era assim.

Descia delicada nos saltos, reverenciada por uns, temida por outros. Carregava na bolsa pedras, papelotes e buchas. As unhas longas e enfeitadas serviam como garras, a roupa camuflada em fera, de saia e piercing no umbigo, compunham o corpo de atleta. Nem um arranhão.

Quando chegou, M.F. já tinha o plano desenhado na cabeça. Mas, como num urro de acasalamento, ela beijou a careca de Vulto, porque ele adora, desceu até as bochechas com pequenas mordidas

e, mordiscando, pegou uma orelha, toda a nuca e desceu mais. Com isso, fez seu perfume se alastrar. Uma serpente preparando a armadilha, louca para dar o bote, ela falava devassidões ao pé do ouvido. Ele gemia, sentindo as mãos e as unhas de M.F. arrancar os pelos do peitoral, soltar a fivela do cinto e esperar de boca aberta o que quer que ele quisesse fazer com ela. Aos comandos ela atendia, e a voz mansa não parava um segundo.

“Você é a única pessoa em quem eu confio”, ela disse, limpando-se. Ele fechou a camisa, olhou em volta, do alto da janela, tudo tranquilo, “O que você quer?”. “Tem um cara me perseguindo. Um idiota. Um vagabundo.”, soluçou de medo. Vulto pensou em pegar no braço, puxar, sacudir,

xingar, bater. M.F. era mais uma como as outras, tudo igual. “Já entendi. Você me traiu.”, ele soltou fingindo não se importar, mas apalmando a arma. Ela pensou em inúmeras respostas para quando chegasse este momento: era um estuprador à solta, um falso do beco, policial à paisana, irmão mais velho, um drogado, um inocente, um moleque. Mas ela sentiu o frio da indecisão do que dizer para não despertar mais um desafeto. Ela só queria um predador, era uma fêmea no cio para eliminar. “É um ex-namorado, de muito tempo, saiu de um buraco e quer me levar de volta pra ele”. Seduções, induções. Fosse quem fosse, o melhor era dar a extinção daquilo e Vulto não nega fogo.

É claro que M.F. não tirou isso do nada. Desde que começou a acompanhar o chefe para suprimir um ou outro, compreendeu sua função de boa moça. Não sabe o que são os feromônios, mas sabe que tem um poder insuperável para atrair os homens. E Vulto tinha sua isca, pronta e feita, pois, quando não é isso, são as viagens. Terminal, rodoviária, aeroporto. Rondônia, Mato Grosso, Amapá. Ela então se torna executiva, cabelos escovados, sapatos fechados, óculos. O melhor bonde do tráfico jamais visto

ou flagrado. Disposição não lhe falta, mas sim reconhecimento. Ela precisava derrubar algumas peças de um jogo disputado.

Vulto ligou para seis. Fecharam a rua e mandaram descer, porque justiça não são pedidas nem perdidas, são executadas. “Já deu pro cara nesse mundo. Vamo mandá ele embora!”, afirmava para os outros. Pediu para que não peneirasse antes de saber quem era.

Atiraram nas pernas, mas o alerta foi armado. Vulto chegou perto, levantou o sujeito e quis saber o que ele queria com sua mulher. Sem dizer palavra, Vulto reconheceu a tatuagem no braço, o cordão de prata e o ódio. Lembrou-se de quando esteve do outro lado, era o mesmo, um chefe de lá procurando abrigo aqui. O outro lhe balbuciava ameaças, pois não perdoaria aqueles seis. Todos eles se olhavam desesperados porque da guerra eles ainda não tinham participado – Vulto comandava tudo tão bem que a polícia respeitava. Entretanto, matar um chefe? Aí sim, guerra. “Pô, Vultão, esse aí fecha com a gente! O que a gente tá fazendo, chefe?”. Vulto ainda segurava o outro pela camisa quando ouviu disparos. É claro que ele não tinha vindo sozinho. Parecia subir um exército de muito mais de seis.

“Não tem jeito, queima logo”, foi a última ordem para a retirada. De cada um dos seis, saíram oito ou nove tiros, corridos, fugidos. A comunidade despertou com Vulto pedindo a todos para voltarem a dormir porque estava tudo no controle. Controle de quem? Ferviam as tripas por dentro e as ruas desciam e subiam com adrenalina e lembrança de que ninguém mais conhecia aquele bairro como ele. E ele sabia que M.F. não vivia ali, tampouco crescera ali. Era de lá, do outro lado, de onde vinha batendo o salto todos os dias. Era pouco provável, portanto, que ela ainda o estivesse esperando. E, ainda, que voltaria. M.F., na verdade, após vender toda a mercadoria daquela noite, já mordida os lábios do mais novo chefe daquele outro lado.

apetite

Os sabores e os ideais daquela cidade giravam em torno do ano 1960, mas estavam muito antiquados. O império citadino cobria-se de ouro e de famas: o mundo olhava para lá com temor. Famílias construídas pela metade – pois o desaparecimento dos entes era natural naquele tempo – faziam reverência a cada simbólico gesto imperial, a cada palavra dita em público, e a cada instante respirado pelo medo. Seu chefe tinha a altura de um gigante, com sapatos de número cinquenta e sete. Quando apontava bem no corredor, todos arregalavam os olhos, recobriam as posturas para que nada fosse contra aquilo que o grande homem havia instituído. O que mais nutria todo esse porte fazia dele um indigno: pedaços de carne de suas mulheres magníficas, esbeltas e sempre exuberantes nas cerimônias casamenteiras. Também isso o fazia assustador: rasgar a carne humana, mastigá-la com excitação, comer, comer e comer todas as mulheres escolhidas. Aquela cidade construía um mito cuja maior bizarrice era privilégio apenas seu. Se alguém se atrevesse a devorar os pedaços de carnes alheios, destinava-se imediatamente à pena de morte, e o imperador anunciava o banquete daquela carne fresca na praça principal, a fim de que todos aprendessem que somente ele poderia exercer tal feito.

Mas o gosto mais intenso, segundo ele, era advindo das coxas das damas que amava, e amava com todo apetite de um apaixonado. Os casamentos eram os eventos mais importantes da cidade – cada um à sua maneira, apesar do luxo esplendoroso que se repetia, sempre havia uma novidade. A coroa do noivo iluminava as ruas e a cena se

refazia com fulgor. Como o traço marcante do líder era abdicar, cada vez mais, de sua privacidade, o primeiro casamento teve sua lua de mel a céu aberto. Ele se divertia a cada suspiro de um espectador, ali tão perto daquele ato luxuriante. O segundo casamento transmitiu tudo ao vivo para o mundo inteiro ver as concavidades de sua noiva com seu chefe entusiasmado. Assim seguiram-se as surpreendentes ideias para o grande casório, anualmente deslumbrante. Os boatos nasciam a cada novo ano, “o que será desta vez?”, “acho que ele irá se casar com duas mulheres ao mesmo tempo”, “quem ele escolherá?”.

E, então, houve uma cerimônia na qual, da confirmação nupcial, seguiu-se, de imediato, o consumado alimentício. “Meus convidados, quero-lhes dizer que este noivo passará a viúvo neste instante”. E a noiva lamentou que seu poderio fosse tão curto. Noutra ocasião, casava-se novamente e, nove meses depois, anunciou mais um evento estupendo. Ninguém entendeu, já que os casamentos aconteciam de ano em ano e ainda faltavam alguns meses para o próximo. Mesmo assim, os indivíduos daquela cidade só receberam a grande notícia no momento certo: foram desfiles, hinos cantados, exposição em tapete vermelho estendido nas calçadas, beijos nas mãos do imperador daquela cidade. Até que tudo se silenciou e ele pode se pronunciar. Sua voz ecoava nos becos e nos ouvidos dos súditos. E a multidão aplaudiu a grande notícia do ano quando soube que naquele momento aconteceria o nascimento do príncipe, porque sua atual esposa estava prenha. “Glória!”, gritavam. As enormes cortinas vermelhas se abriram para mostrar a mulher já na posição de parto. O futuro pai colocou-se do lado direito do palco, para observar todo processo. Uma manta banhada a ouro esperava o herdeiro. Porém, todos sabiam que, se nascesse uma menina, tudo poderia se perder. Com ansiedade, as pessoas aguardavam na camada de baixo o momento tão especial. A mulher nua e coberta de suor mostrava-se forte nos gritos de dor e no esforço de retirar o feto. A

cena tornava-se fabulosa. Quando a cabeça ficou visível, um holofote se acendeu. Agora, a plateia estava tão ofegante quanto à parideira. Finalmente, uma pessoa se aproximou para ajudar a retirar a cabeça, depois o tronco. Não se tinha certeza se era um médico. O imperador desconfiava de todos que o seguiam e, portanto, não permitiu que a mulher tivesse acompanhamento pré-natal. Somente a partir desse instante é que alguém vinha ajudar, porque já se podia ver o rosto da criança. Ela resmungou primeiro, depois chorou, em amplo som. Mas ainda não havia motivos para comemorações. A aflição levaria mais alguns minutos. O chefe começou a inervar gritando com a mulher: ela deveria ser mais rápida. Aproximou-se quando o rebento já estava quase inteiro neste mundo. Com o próprio corpo, o pai escondia a principal informação – ele precisava se certificar antes de todos. Enquanto isso, a mulher se estendia completa na mesa, exausta. O povo permaneceu de pé, aflito. Então o imperador virou-se. Mas nada havia em suas mãos. Sua face avermelhada de ódio dizia tudo a todos.

A cidade estremeceu. A única frase pronunciada ao microfone informava que o banquete desta noite seria inédito para aquela população, pois mulher e filho seriam servidos em praça pública, e cada pessoa poderia se sentir, pela primeira vez, um pouco chefe daquela cidade. O imperador, único verdadeiro dono de uma cidade, ficava viúvo mais uma vez.

o dia regulado

O sonho daquela tarde era o maior que podia alcançar. Adorava dormir em dias ensolarados, esparramava-se sobre o vago tempo, ouvindo pássaros e sentindo o sol vociferando lá fora. Assim adormecia, solitária em seu maior sonho. Nesse dia, sonhou com o silêncio. Sabia que, se contasse a qualquer pessoa, ninguém entenderia de imediato, porque ela mesma não entenderia se lhe contassem.

Um dia, sonhou com uma menina. Mal sabia explicar se era sua infância que se reinventava ali. A menina via, por entre a chama alta, pessoas vestidas com peles de animais, caminhando em caravana, com suas respectivas cargas. Eram famílias inteiras em fila, no desmanchar do fogo. Ela queria mais. Assim, apagou o fogo com a urina rala que despejou ali mesmo, sem nem pensar. Ela nunca mais vira o fogo, nem mesmo aquelas pessoas, e o sonho não terminou aí, apesar de ter sido tomado pelo escuro.

Acontece que o silêncio não é visto, nem medido ou apalrado. Como sabia deste sonho com convicção? Perguntou-se sem sucesso. Ela sabia, apenas. E sabia especialmente que um sonho não surge por acaso e, de tanto que pensou naquela cama, já era noite. A tarde silenciosa passou a ser noite calada, ao menos por fora. O silêncio era seu melhor protagonista até então. Ficou horas inteiras imaginando o que o silêncio fizera para regular seu dia. Apaixonou-se por isso até que seu cérebro, de súbito, transformou-se em outra coisa, talvez num coração, que batia latejante na cabeça.

a superfície do mundo

Depois de toda destruição erosiva daquilo que se poderia chamar de vida – a vida dura e sedimentada –, voltou a chover. E de tudo o que restou: lama e alma, o barro vivo que ainda podia respirar, embora pudesse acabar em único sopro. Aquela cena, na qual as crianças brincavam em meio a essa mesma lama, repetia-se a cada temporal intenso, desses que desabrigam famílias e colocam em cheque grandes projetos. A chuva dessa semana reafirmava a ninharia de desejos e, também, a inconsistência do todo – a perda não faz sentido e o sofrimento nada mais é do que o esforço em juntar os pedaços para encontrar alguma lógica nesses acontecimentos que nos arrebatam.

Os sorrisos nos rostos molhados, embora carentes, embora puros, faziam da cena um alerta ao menos para quem via do lado interno da janela. Agora, formaram-se arenitos, todos eles, pois conseguia ainda a areia se juntar e colar seus grãos com qualquer sentimento. Sedimento. Espirrar água suja e podre nos amigos, correr ao longo de uma rua coberta pelo esgoto, a rua esgotada, os ânimos alterados, mas a criançada ainda mais risonha. No meio do barro encontrava-se o sal, um sal preto, marrom e escuro de barro.

O leitor dirá que não é por acaso que tudo isso acontece e que o mês de março é acolhedor de todas as chuvas. Mas fevereiro acalenta o coração, ou pelo menos a esperança, de qualquer pessoa. E, além disso, não há como estabelecer uma comparação entre a angústia sentida de cima do palco e àquela assistida fora dele. A desvantagem é ingrata e não pode ser examinada justamente no momento em que a água fétida entranhava e esculpia toda a imagem espantadora. A

vida conglomerada em matéria era pouca, nada mais se fazia dela. Vivia-se, inadvertidamente.

De toda atividade vulcânica, pensava que sua vida não tinha relação alguma com a crosta. Tamanha ingenuidade. Foram milhares de terremotos, pelas minhas contas. A vida feito rocha. Não é possível acreditar na exatidão quando o que se apresenta é apenas inexato. A vida em fé na rocha. O lado interno da janela é sempre intacto. É preciso abrir a porta de casa, avançar no barro, esperar virar poeira. Observar, igualmente, todos aqueles fenômenos do lado de fora deles, por força do medo ou da inverdade. As soluções não chegaram como se quis; e assim passaram todas elas, físicas, químicas, e nunca vivenciadas.

míngua

As crianças em número maior, ali o espaço teria mais alegria se estivessem investidas num destino diferente. Mas corriam – da direita para a esquerda – ignorando tudo aquilo – da esquerda para a direita – sabendo que, aprisionadas, só lhes restavam a insistência da diversão. O estômago, em profunda atividade biológica, era finalmente esquecido, por força de vários estômagos juntos, a tilintar por um só motivo. Elas rodeavam os caminhões vazios, dependurando-se em suas boleias, tais quais os adultos. Estes, por sua vez, não corriam de alegria, mas de urgência. Embora também aprisionados na própria desventura, eles não sorriam como elas. E, mesmo quando as latinhas de consolo chegavam, ou os saquinhos de chá refrescavam a consciência, eles não sorriam. Mesmo a água que chegava, toda água, era pouca. Mal desafogava, já era motivo para mais correria e compaixão. Dia e noite, noites claras até, tudo corria.

Era costume preocupar-se com a noite, porque era preciso arranjar fogo, colocar ajeitada a tocha no alto para não acordar já com chamas e despertar os sonhos anoitecidos. O hábito era muito maior do que se pode imaginar hoje: fazia parte do pensamento lógico e estratégico do dia e, diga-se mais, colaborava com o ajuntamento humano, a troca de opiniões por um motivo de sobrevivência que é a conservação da claridade, mesmo na noite mais estrelada, para o mínimo mover dos passos.

Discutia-se sobre um ou dois lampiões, arrumava-se o lugar exato, a convenção maior. A busca estava fixada, sobretudo, no encontro

da luz. E, muitas vezes, acordou-se em manter a noite escura por razões pouco esclarecidas.

E a volta dos relógios internos, e o corre-corre das crianças em maioria. Paciência que fosse, a peleja durava muito mais nos ponteiros dos mais velhos.

passava pelo coração

Tudo o que lhe era agradável passava pelo coração. Lidar com o mundo parecia pesado. Perguntava-se o porquê de tantos embaraços se as pessoas só tinham que compreender o quanto elas precisavam umas das outras, dos abraços, dos cheiros, dos sorrisos. A vida não exigia lados opostos e forças diferentes. E ele entendia que, na verdade, isso que fora inventado não conseguiria ser convertido de modo tão ligeiro. Somente com muita cautela e atrevimento. Seria preciso confiança, e aquela dor no peito deixava-o derrotado disso tudo. Não sabia mais o verdadeiro motivo de tanto incômodo dentro de si, pois lhe doía todo corpo e o peito latejava como um relógio adiantado. Procurou dormir de bruços, mas o sono diminuiu a cada dia, como se um tique-taque terrível o segurasse e arrancasse a pele e os pelos de toda região peitoral. Houve um momento que não suportou e foi levado com pressa ao socorro médico. Deixe morrer, dizia a si mesmo. Deixe que escape qualquer maldita esperança. Examinar ou não era o mesmo. O que doía era incorrigível. Começava a fugir de todos os sentidos, e foi preciso salvá-lo das dores abrindo-lhe o peito. No meio do sangue, ele se perdia e, finalmente, descobriram-se todas as causas, embora não houvesse explicação. Seu peito aberto anunciava um coração em metamorfose. Em cinco ou seis dias, um botão de rosa completo apareceria no lugar de um coração enfraquecido.

museu de cera

No seu grande ano sabático, JJ resolveu conhecer lugares que compunham sua lista de viagens irrealizadas, talvez por excesso de trabalhos, ou por aquietação. Buscou de locais perdidos no mapa aos grandes pontos turísticos, mas não planejou o trajeto completo porque isso sempre foi sinônimo de diversão para ele. Entrava em cada lugar cuja porta estava aberta. Lugares muitas vezes avelhentados, assim como JJ.

Acompanhado de uma solidão crescente e – quem poderia prever – passageira, JJ encontrou um museu de espécies curiosas. Não se tratava de quadros, obras esculturais, animais empalhados ou enclausurados. Conseguia estar só e, no mesmo momento, na companhia de Jonh Lennon, Michael Jackson, Elvis Presley. Impressionou-se com Marilyn Monroe ao seu lado, famosamente posada. Olhou ao redor. Estava com todos eles ali, tão perto, e todos mantinham o mesmo olhar. JJ pensou: “essa imagem grita para mim. É uma mentira?” Não poderia. Estava tudo vivo, os semblantes, os detalhes humanos, os traços nos rostos, as rugas, mãos, pés, tudo era idêntico e absurdo. JJ viu-se num mundo real de seres vivos, mortos, imortais.

Sentou-se em um sofá encerado. Lembrou-se do último lugar que visitou, onde aprendeu a teoria da reencarnação, apesar de não ter, por isto, sentido nenhum interesse. Somente a estrutura fortificada lhe chamou atenção e, ali, justamente naquele museu apertado e silencioso, havia algo de continuidade, do forte ao obtuso – e fraco? JJ enfraquecia com todos aqueles olhares direcionados. Chegou a ver a si num espelho no teto: irreconheceu-se.

Porém, não queria sair dali. Não tinha planos. E era improvável que JJ ficasse naquele canto sem que mais ninguém aparecesse. Assim, ganhou fôlego e tornou a andar, observando cada imagem em sua estatura – também por isso eram tão reais. Quando, por fim, mergulhou duplamente na própria ilusão, saltou mais de um passo atrás: uma das imagens se moveu, de maneira delicada e paciente. JJ pensou em correr e pensou ainda em se aproximar. A menina lhe dizia palavras fáceis e burocráticas. Foi a única que abriu a boca até então. JJ criou coragem para chegar mais perto e constatar que o som saía mesmo daquela menina. Mas, ela deu-lhe as costas, deixando um olhar muito íntimo. Com uma trança de raiz preenchendo a atenção, a melindrosa nem bem se despediu.

JJ só podia ter certeza de que ela não era mais uma peça de museu, embora tenha se lembrado, depois de certo tempo decorrido da viagem, de onde vinha a cabeleira trançada, amarrada em sua memória: a recordação de um daqueles bonecos, antes já visto, e depois acrescentado à imagem viva da menina de tranças. No entanto, o camafeu pendurado no pescoço anunciava o período de perturbações alheias a tudo isso. JJ entendia o que estava por vir. Aquela chuva anual de lutas e estresses. O sindicato estava para explodir. Mas só JJ conseguia perceber a diferença no camafeu. Seus poucos amigos riam desses estranhos hábitos. JJ era normal, como todo mundo.

a borboleta

Pouco adiantou para Tavares correr até a avenida onde passava o ônibus. Ele sabia da estreiteza de seu tempo naquele dia. Enquanto aguardava outro apontar na esquina, olhava com interesse a borboleta laranja no sapato da mulher. Sentia descoberto o mistério daquela borboleta, como se guardasse o maior segredo da natureza. Ali, ela era mínima, a unidade da beleza. Como um broche no sapato novo, era um segredo alaranjado no fundo preto que, perguntava-se, como a dona desses sapatos não descobrira tal perfeição aos seus pés.

Tavares pensou em alertar a mulher. Mas percebeu que ela não olhava para ele nem para a borboleta. Contida por uma tela de celular, mal sabia ela o que fazia. Talvez fosse fácil encontrar inseto mais bonito por meio daquele aparelho, talvez fosse necessário sair daquele ponto mesmo diante da necessidade de ali estar. Ele não queria a atenção dela. Ela não havia nem percebido o que ficava à sua volta. Verdadeiro mesmo era o que se guardava em mãos e ajudava-a dinamizar o tempo, promover esquecimentos e tudo mais que se deve esquecer.

Tavares reparou ainda que a borboleta estava ali intacta e só ele a tinha para si. A primavera já passara, mas não para ele: solstícios e equinócios direcionavam-se para Tavares, que continuava a celebrar a vida ortodoxa. Ninguém então poderia compartilhar daquele momento. Tavares quis tocar a borboleta, tocar os sapatos da mulher para, finalmente, acreditar que tudo se mantinha na realidade, já que o bater de asas daquela pequena joia pareciam desejos criativos, espaços habitáveis quando da espera pelo ônibus. Mas o coletivo

não demorou, pausando a poesia em plena memória, ainda que a primavera tenha se estendido por mais alguns dias.

pensamento

- Espero que você não esteja ocupado.
- Não.
- Precisava vir.
- O que te preocupa?
- Parece que a inveja me morde todos os dias.
- A inveja é o obstáculo de todo pensamento desenvolto.
- Pensamento desen-o-quê?
- De qualquer pensamento.
- Eu não gosto dos pensamentos.
- Por quê?
- Quando eu penso, penso que sou irracional.
- Não seria o contrário?
- Não. O pensamento é a irracionalidade desenvolto.
- É mesmo?
- E essa razão produz todos os meus monstros.
- A inveja, por exemplo.
- Isso. Parece que você entendeu.
- É isso?
- É. Você acha pouco?
- Não. É que...
- Você não sabe de nada mesmo.
- Mas você não disse que entendi?
- Eu disse, mas pensando bem...
- Lá vêm mais monstros...
- Cala a boca.

bemal

Alaíde era uma figura de relevo para aquele bairrozinho. Alta, negra e descabelada, andava sem destino. Ou melhor, seu destino não era ela quem escolhia, mas quem primeiro a abordasse, quem primeiro chamasse sua digna atenção. Era mulher de pouca notícia, caminhava lúcida, mancando em desalento.

Todos os dias, moleques zombavam de sua cabeleira ou dessas andanças. Não demorava, alguém dispersava com um só grito o bando que se formava para acompanhar Alaíde. E ela se aproveitava da boa ação para pedir, com gesto e gingado, um copo de pinga. Inexistia quem soubesse negar qualquer coisa ao tipo mais simpático daquele pedaço da cidade. Com uma pinga pingada aqui, outra ali, Alaíde era só sorrisos, sem preocupações e com muitos desvios.

Ao final de cada dia, já dançava pelas calçadas, convidando a vizinhança a transformar a rua num enorme salão de baile. Para Alaíde, a rua era assim, sua casa, seu lar, seu espaço livre, onde tudo poderia acontecer à sua vontade. Mas eis que uma noite incrível desabrochou do calendário, quando Alaíde vestia uma camisa de linho, que estava ao avesso e ia até os joelhos. Naquela claridade frouxa que anunciava a noite, buscava ainda um bom local para dormir.

inquilino dos cotidianos

Era janeiro e a praia estava em fervuras fosse domingo ou quarta-feira. O sol estava firme por dias e os turistas deixavam a areia ainda mais quente. Ele olhava da janela como um bode expiatório: criava todas as situações em sua cabeça e fazia dos olhos a sua arma pressionadora, forçando as pálpebras e fixando-se cada vez mais em sua vontade. Fazia tudo isso na espreita, para não ser visto e, se fosse, bancaria o desavisado. Lá de cima ele observava a mãe dando sombra ao filho, o namorado passando filtro solar nas costas da moça, dois homens se abraçando, uma turma de jovens passeando na beirada das águas, ambulantes garantindo a semana, e não se continha ao imaginar essas vidas pelo avesso.

Sentia que todos os pecados do mundo poderiam estar com ele e apenas nele. Era capaz de passar um dia inteiro naquela posição, com a mesma persistência, talvez com a força da libido e da mente. A criatividade alimentava suas histórias e, embora soubesse que a imaginação poderia desencadear um desejo mais intenso, ele não vivia mais sem inventar desfechos e empurrar o olhar lá para baixo. E, embora soubesse ainda que nunca acontecera nenhuma daquelas eventualidades imaginárias, ele não pensava em diminuir seu patamar para uma simples viagem mental. Fazia muito esforço para entregar-se por inteiro. Na verdade, o que ele queria era continuar ali, submerso pelo poder de fingir, ou mesmo de ser um deus. Ninguém jamais ouvira falar de qualquer criação sua, pois elas também não saíam de onde nasciam. Não deixava de ser uma ambição, uma terrível ambição essa de incomodar os enredos da realidade,

enxertando um pouco do que aquele momento não mostrava, mas ele sabia que existia. O filho que sofre traumas à responsabilidade da mãe, o namorado que tem outras mulheres, os homens que apenas se suportam, os jovens que investem nas outras formas entorpecentes de ver a vida, os ambulantes miseráveis e sorridentes com seus passados sombrios. Perguntava-se sobre a necessidade de transformar tudo em infelicidade, mas evitava responder a si mesmo.

Acometido por alguma lembrança passageira, resolveu descer um pouco, sem muita pretensão, apenas para enxergar aquele cenário de outra perspectiva. Parou de andar justamente quando chegou a um ponto de táxi, e ali ficou, inerte, rígido como um poste, suando frio por entre os dedos dos pés: estava mais próximo daquelas histórias todas, era preciso apenas atravessar a avenida. Pouca saliva lhe era comum, por isso tinha sempre em mãos um chiclete de hortelã. Fazia como se esperasse alguém, ali, paciente, com a aparência quieta e os ossos estremecidos. Percebeu que estava imóvel há minutos e deu-se conta de que três taxistas o esperavam, aguardavam um sinal, um apelo, uma corrida.

Ele continuou a olhar os banhistas e suas ações corriqueiras, talvez até sutis, que não se percebe facilmente, exceto por aqueles que olham de fora. Mas resolveu seguir em um táxi para olhar de vários ângulos. Quando o taxista perguntou o destino, teve como resposta um pedido: para que dirigisse bem devagar. Com isso, ele percebia muitos em pouquíssimo tempo, como um lagarto que avista a presa, cauteloso, esperto. Às vezes, se distraía com o outro lado de prédios, alguns espelhados, outros em plena construção. Irritava-se com todos eles, cujas alturas retiravam o brilho do sol em diversos trechos de praia e proibiam-no de olhar mais nitidamente. Apesar disso, gostava muito daquela orla abraçada por castanheiras e, principalmente, por gente. Gentes dos mais diferentes tipos, que saltavam de carros, ônibus e bicicletas, e iam em direção às areias. Só tinham mesmo o

objetivo de acumular todo aquele calor e diluir os desejos nas águas salgadas. Também por isso, ele queria muito preencher esses espaços com passagens, contos e representações.

Assim, percorria aquela avenida da praia com muito gosto e prudência. De fato, ele se sentia completo ao se considerar dono de todas aquelas pessoas. Conforme faziam as castanheiras da praia, ele agora abraçava todos que ali estavam, e participava das vidas com as suas intromissões imaginárias. Vivia tudo aquilo. Vinculava-se às rotinas como um novo inquilino dos cotidianos. Era ele o motivo daquilo tudo e somente ele sabia fazer aquilo tão bem. Mas o taxista o impediu de ir mais além de seus olhos, advertindo-o de que a rua litorânea havia chegado ao fim. Ele respondeu com mais um pedido: que recomeçasse o trajeto.

amor-te

O deserto na praia invadiu seu corpo. E era seu corpo que tocava os outros seis enfileirados, pressionados à areia e ao dia tão imperativo. Nada sentia, somente o tato daquelas peles frias sob a fina de seu sexo. Era um vazio querer todos para o seu mundo. De pé, percebia a cena: seis corpos de um lado, quatro de outro. Todos dormidos, mulheres à direita, homens à esquerda, arrumados na mesma feição, nudez e temperatura. Era homem, era deus.

Aos homens, deu o direito de nadarem pela última vez, mesmo nus, naquele instante. Colocou as toucas uma a uma, lembrando-se de carregar nos cuidados, pois a cabeça, a cabeça precisava de cuidados. Aproveitava para falar-lhes ao ouvido, sentir cheiros e sempre, sempre tinha desejos. Desejava ver todos nadando, flutuando na espuma da onda até sumirem horizonte adentro. No nada, via-se também lá no fundo, mas nunca entrava por completo ou por medo dos ventos. Era certo que um vento de repente, quando misturado à água, tinha influência de tentações outras e malditas.

Deu tino que as mulheres chamavam. Mas não conseguia tirar os olhos dos seis nadando, as peles molhadas da sua saliva, preenchendo oceano. Histéricas na sua cabeça, as mulheres não mais aguentavam: reclamavam por ele. Ele foi olhar aqueles outros corpos - vidas que já quis ter. Nunca mais veria todas aquelas pernas juntas, pois se aos homens deu a água, às mulheres dava a terra revestida de areia.

Cavou até doer os braços, até sair do prazer que sentia. Tudo estava saindo como planejado e até o suor estava nos seus planos. Molhado e felino, lambia lábios e a pele que alcançava. A despedida vinha em

seguida. Lamentou cada corpo feminino alojado na cova, espiando ainda o último homem a nadar. O choro anunciava a volta da solidão e, embora ele tivesse planos de retornar à casa, a possibilidade de ser mais um corpo perdido na praia crescia por dentro.

Lewis Luís

Sentiu as linhas no seu corpo antes mesmo de olhar-se de cima para baixo. Ele estava marcado: não sabia se aquelas formas na pele apareceram antes ou depois de cair naquele enorme buraco. Também não se lembrava de muito. Na verdade, começou a ter sensações estranhas a partir de então. Lembrou-se de uma agulha. Depois, entendeu que não se tratava apenas de uma agulha, mas de muitas agulhas pequenas e finas e juntas. Os ecos nos ouvidos repetindo “não, não, não!” pareciam deixá-lo surdo à medida que pulava, aos sustos, e segurava as orelhas com a força de um desesperado. As orelhas já vermelhas de sangue, e a vontade de arrancar os tímpanos aumentava com a repetição do som, que trazia mais umas palavras “não, não, não, vai morrer!”. “Não, não, não, vai morrer, morrer, morrer!”. Até que o silêncio se instaurou, como um vácuo. Só se ouvia o choro, ou nem isso. Arranjou coragem para olhar-se novamente. Agora o corpo desenhado preenchia os contornos de vermelho, mas ele não se importava mais com esse detalhe. Preocupava-se com aquelas palavras – o que significam as palavras? Sentiu que estava ferido nos ouvidos e não no corpo inteiro, como imaginou. Eram palavras finas e cortantes que vinham de dentro. Ficava, assim, impossível fugir de si mesmo. E, por isso, acabou perdendo a hora. Tinha algum compromisso antes disso tudo acontecer. Era noite ou dia, não podia se certificar, mas o que o deixava atento era a possibilidade de ouvir tudo outra vez.

a mente

O dia não prometia nada. Ele se sentou numa cadeira reservada para idosos e checou o número da sua espera. A senha exigia paciência, pois, sabia ele, era dia de pagamento. Duas senhoras aproveitavam o tempo para a prosa sem sentido: “não podemos parar, senão a mente morre”. Embora tivesse chegado já no andamento da conversa, aquela frase não precisava de maiores explicações, afinal, fazia sim todo sentido. Da mesma maneira que aquela senhora falava sozinha, tentando se convencer que se mantinha lúcida como uma moça, ele ouvia toda a discussão, não tinha outra saída, e encaixava cada argumento alheio à sua vontade, confabulando casos, dos quais só ele era testemunha. A mente morre. A mente sente sede e idas ao banco nos faz perceber tudo com mais clarividência. Assim, não paramos, e a mente se hidrata todas as vezes - imaginou ele que era essa a sugestão da senhora. A mente também parece gostar muito do chamador de senhas. É um barulho irritante até faltar uma chamada para a sua vez. A mente se realiza quando escuta o barulhinho irritante.

um caldo de lágrimas

Adoro conversar quando todos sabem que, daquele bate-papo, alguém sairá morto. Olhei meu relógio que marcava vinte e duas horas e me lembrei de uma frase encontrada em um livro qualquer: “a ansiedade alimenta o ânimo, deixa os assuntos mais atraentes e a atenção duplicada”. Era o momento, todos sabiam. Pois ninguém era capaz de se levantar dali, dar as costas ou abaixar a cabeça. Cada movimento era observado, como se fosse um fragmento de cena, um zoom em alerta. Nós pensávamos sobre todas as possibilidades de uma simples jogada de corpo poder terminar em ameaça, cujo motivo não havia, mas era importante matar. Era uma jogada, não era? Então, tinha que ser assim. Matar com leveza, vontade, satisfação. Precisava ser cotidiano, por isso a roda bem-humorada com drinks e jogos. Vodca, xadrez, uísque, cartas, Martini, dados, não há melhores combinações.

Olhei novamente o relógio. Ferreira acompanhou minha oscilação, mexendo o gelo da sua bebida com a ponta do indicador. Em um só tempo, sacou sua arma. O Andrade, que estava ao lado dele, pensou em encerrá-lo, mas ele sabia que a conversa era entre eu e o Ferreira:

– Ouros! Ourinhos! Espadão! Espadim! Espadachim! – gritava Ferreira, blefando para nenhum Nikolai Gógol botar defeito.

Ainda que com a pistola em mãos, ele estava em dúvida se realmente era a mim que devia matar. Então, não tive outra escolha senão atirar, de modo certo, para que ele não tivesse chance. Vinha a óbito mais um de nós que, sabíamos, era mais um a reafirmar a verdade. A conversa continuava na noite seguinte, como de costume.

Seria eu a cessar a conversa. Depois das armas, as lágrimas. Finalmente entendi o interior da questão: estava dificultando as coisas, engasgado na minha vontade, não muito sofisticada, um estorvo apenas, a vontade de chorar. Por que amava tudo aquilo? Era amor, a verdade afirmada a mim era o amor.

E de escrever precisava, apesar de saber que os sinos que me reanimavam não eram mais badalados por alguém disposto a badalar sinos. Agora era preciso somente alguém a programar seu som artificial, que um dia fora natural. Um dia, somente com um golpe naquele cone oco, ele ressoava por todo bairro. Com um só tiro, Ferreira ressoou ali também. Alguns sons ainda são salvos. É um alívio quando um pássaro chega à janela do apartamento do centro da cidade. O que era? Necessidade. A necessidade de me entregar às lágrimas para conseguir chegar até o outro lado da ponte. Ir embora. Eu sabia que só assim chegaria até lá, caso contrário, continuaria engasgado.

Escrever, agora, passa a fazer parte desse inútil sentimento de morte – morre sempre alguma coisa diante da artificialidade dos seres, das coisas do dia. (Para cada esforço artificial, menos um personagem humano nasce nas histórias de todo o mundo. E assim se perde a mão nas teclas batidas). Precisava escrever e chorar, e amar, e matar. Aquele choro engolido repetidas vezes (engole esse choro, menino, engole agora!) a perder as contas, embora eu não as tenha perdido. A palavra plastificada, de difícil acesso, pela qual o leitor não pacienta o desembrulhar da obra, dos capítulos oscilantes, dos diálogos engordativos, das descrições fartas, porém nem sempre bem-vindas. Ora, alguns personagens morrem por completo, como Ferreira, personagem da minha história. Mas é só uma questão de ver o sol nascer novamente e mirar em qualquer um daquela roda. Lágrimas secam e alguém tem que fazer isso.

a invenção da vida

Já preciso avisar, meu caro irmão, que tudo aqui escrito pode ser mais um efeito do que tenho visto nos últimos dias. Não posso enganá-lo de maneira tão grosseira e, por isso, saiba que aquele cômodo da casa de que tanto gostava precisou ser removido. Lucinda não soube me explicar os motivos, mas, você entende, vez ou outra somem os pedaços da casa assim, tão despretensiosamente. Já nos acostumamos há tanto tempo, quando o papai nos trancava no quarto para derrubar mais um muro, arremessando cadeiras e gritando naquele outro idioma. Era estranho, e só agora sei o quanto tudo isso pode ser estranho, pois desde quarta-feira andam sumindo tantas coisas. Primeiro foi o jardim, depois os varais com todos aqueles lençóis. Os varais, acredito que possa ter sido por obra dos ventos ruidosos das madrugadas. Lembra-se de quando o papai disse que os ventos haviam levado embora a tia Olívia? Os ventos são assim mesmo. Aliás, não estou tão surpresa com o jardim também. Não me parece algo misterioso, embora ainda esteja em dúvida sobre o real motivo do desaparecimento do jardim. Assim que souber, saberei também sobre o cômodo devastado. Eu mandei retirar o que sobrou e a casa ficou até mais arejada. O lago, ah, o lago secou de repente. Mesmo nessa época de chuvas, lá se foi o lago, irmão. Veja, nem todos os lugares possuem lago, não é verdade? Então, não é tão ruim o desaparecimento dele. Sinto-me alegre o suficiente para não lamentar a falta dos peixes. Por que estou alegre? Ora, porque escrevo a você. E eu prefiro que seja assim, de pouco em pouco, como está sendo durante esses dias. Não há o que reclamar, pois são esses os últimos dias.

até breve

17.04.2014

Eu já disse, Gabo, essas coisas acontecem. Você não está achando que eu enveredei pelas mentiras, está? Balela! Você nem sabe mais o que diz. Não sabe, Gabo, não sabe porque já percebeu que entre a guerra e a literatura não há mais nada, não há mais quem ganhe ou perca, só mesmo nós é que perdemos nosso tempo na escrita incabível.

Não cabe mais ao mundo nada disso porque nada é mais tão maravilhoso, caro Gabo. Pois é, acontecem mesmo todas essas coisas e contente-se com isso, não somos mais quem somos. Se antes sabíamos (será mesmo que sabíamos, Gabo?), agora não sabemos mais e nem queremos saber, essa é a tristeza. Não há perdas nem ganhos, alegrias nem tristezas. E, saiba que foi contigo que aprendi isso, se algo há de ganhar, será sempre a guerra. Mas não para nós, Gabo, não nós, que estamos sempre em guerra na guerra nas letras, de personagem contra a realidade incrementada, algo tão fantástico que parece ficção.

O quê? Vai me dizer que você nunca ouviu sobre essas comparações? Não ria de mim, isso é afrontoso. Só o que sei é da falta que fará. Mas ainda bem que não vivo cem anos. Não, Gabo, eu não viverei porque minha vida já avisou a bagunça que é. E tem outra: entre viver a solidão e viver pouco, eu fico com a última alternativa, e não me olhe desse jeito.

quatro ventos

Foi dada a notícia. Eu sabia que sair dali não era tarefa fácil. E sabia também que gritar podia ser precipitado demais, então fiz do grito um trunfo, minha grande cartada para o desespero. No fim das contas, nosso diálogo é um falar sem razão. É ficção. Ele falava olhando para mim, mas não me via, não me percebia. Apenas falava sem intervalos e eu mesma também não estava ouvindo. Pensava nesta enorme necessidade que brotava nele: a de falar. Só precisava consumir seus desejos acumulados pelo momento da minha ausência. Para ele, um momento silencioso de vontades e paixões. Para mim, um alívio beirando o indecifrável. Dei-me conta. Nós não podíamos mais continuar brincando com o ficcional. Mas até chegar a esta conclusão ele não respirou, e mantinha firme seu monólogo. Para ele, diálogo. Estava eu diante de duas pessoas em vez de uma única? Não. Eu estava diante de algum outro. Viver a irrealidade é mais atraente, é ideal. Prefiro-me assim. Ele pergunta se o escuto, se o entendo. Acenei com a cabeça e sugeri que pedíssemos mais um chope sem colarinho.

primeira leitura

Cada vez que recebia um bilhete dele, ou uma mensagem telefônica, quem adivinharia, suspirava na primeira leitura. Mas fazia questão de ler novamente, porque já não suspirava, guardava todo o ar dentro de si, sentia-se presenteado com cada palavra e tudo era carinho naquelas letras. Relia a terceira vez um simples “tenha um bom fim de tarde” e era sempre mais uma primeira vez. Lembra-se do fiasco de quando se conheceram, dos sorrisos envergonhados, da atração descoberta e, imediatamente, encoberta. Tudo precisou ser minucioso. Afinal, hoje eles riem do que pranteavam. Um abraço com gosto de beijo, um sorriso com cheiro de encanto, um aperto de mãos com pontaria de desejo. Demorava a mandar a resposta porque assim poderia ler mais algumas vezes. Depois a resposta era lida na sequência, e sua sequência ganhava fôlego para mais uma frase, para mais uma leitura. Ele lia e se apaixonava entrelinhas. Além de todo o resto de uma comum relação.

parênteses em diário

Na tarde de ontem, conheci um homem que levou meu dinheiro e celular. Só não levou a bolsa inteira porque pedi com olhos de piedade: “por favor, deixe meus livros e documentos”. O homem alto suava muito, eu também. A arma na mão dele ainda não saiu da memória. Talvez não seja para sair porque armas são armas. Ele olhou mais calmo e disse: “relaxa, gatinha, vou deixar o que tu pediu”. E continuou: “tu parece ser uma burguesa gente fina, gostei de tu”. “Agora eu sorrio?” – pensei. E saí voada de lá.

Então, à noite, fui acordada pelo vento, que batia à janela e fazia-a tremer de medo. Os papéis ao lado da cama flutuavam por baixo dela e me levantavam num tapete. Achei que pudesse estar vindo alguém, o mesmo homem alto. E olhava para a porta com essa esperança – pelo menos ele gostou de mim. Na porta, também batia o vento, mas eu queria que não fosse ele o responsável por tantos atos, a me deixar voando dentro do quarto.

Daí, tentei esquecer tudo. Fuga. O resumo para um dia como hoje, quando saí de casa para caminhar sem destino. Viajei pela cidade ouvindo conversas de ônibus, carros enguiçados, gritos e vozes murmurantes, até tiros perdidos ou achados. Fugir para o caos porque não há outra saída.

O problema é que agora já são três. Em uma semana, sonhei a mesma história três vezes. Freud que me desculpe, mas não quero interpretar um sonho em que sou eu a assassina. Todos que se aproximam de mim morrem de alguma maneira planejada. E não vejo a hora de chegar a quarta vez porque, de acordo com as minhas contas, não resta quase ninguém mais.

relato sobre a caixa

Eu não saberia dizer a que tempo estou remetendo, nem quais lugares precisamente se percorreu para o surgimento de tal história. O fato é que hoje tudo veio à tona e o Jimmy não pode explicar de onde veio aquela caixa e por que ele estava tão obcecado por ela. A cada instante de sua abertura, Jimmy revirava os olhos, tremia o corpo inteiro e com as mãos frias me atacava o pescoço, quase a me matar. Não fossem os vizinhos a acudir, seria pouco provável a existência deste relato. Sempre que se aproximava para o ataque, ele repetia uma frase impronunciável para qualquer pessoa em sã consciência. Recuso-me, então, a colocá-la neste papel pois só de pensar já sofro arrepios. No entanto, Jimmy jamais deixara qualquer pessoa também abrir a caixa, escapando com ela debaixo do braço quando ameaçado.

Ah, não sei se consigo ir até o fim desta triste história. Foi preciso intervir no momento em que nada mais fazia sentido: o Jimmy não comia mais e não largava a caixa. Quando eu olhava por entre a fresta da porta, lá estava ele manuseando algo, mas antes não me passava pela cabeça que eram apenas fotos. Ele só escondia fotos naquela caixa escura. Mas não eram fotos comuns. No dia em que foi levado pela ambulância, tentei finalmente arrancar a caixa de suas mãos. Fecho os olhos e lembro-me da cena sombria. Jimmy parecia um mascarado, outra pele por cima daquele rosto alvo, como se as rugas modificassem semblante e personalidade, os olhos vermelhos de ódio, a vontade de morte exalava naquele cheiro repentino que assustou até os enfermeiros que o seguravam. Estava tudo muito absurdo. Jimmy precisava partir.

Foi essa a notícia que recebi pela manhã, quando saía para o trabalho. Minha rotina tranquilizada desde aqueles episódios viu um prenúncio. Chamaram-me para a liberação do corpo e, lá estando, pude ficar frente a frente com a caixa de Jimmy. Incrível que, mesmo diante da comprovação de sua morte - ele estava ali, estirado e quieto -, eu temi pela abertura daquela caixa. Por um instante, vi claramente o Jimmy levantando-se nu da mesa - quantas cicatrizes ele tinha ao longo do corpo! - e vindo em minha direção, falando as mesmas palavras terríveis e com as mãos ainda mais frias. “Será que isso não vai acabar?”, pensei silenciosamente enquanto observava Jimmy e a caixa. Desta vez, ela estava mais perto de mim do que dele. E, então, podia abri-la a tempo de fechá-la, caso alguém resolvesse interromper.

Ninguém viria e mesmo assim estava apavorado. Até que enfim posso ver o que estas fotos revelam! Mas eu não quero ver! Não quero! Pois devo dizer que eu abri a caixa depois de um longo exercício de respiração. Aquelas fotos não me deixaram saída a não ser esta folha de papel em branco. A primeira foto que puxei daquele fundo mostrava uma criança que dormia. Parecia em paz naquele vestido branco, um anjo de olhos fechados. Depois, era a foto de uma família inteira, e todos dormiam na mesma paz. Como seria possível? Retirei mais uma e... outra criança, agora uma mulher, depois um homem, todos dormiam. Não consegui parar. E agora esta folha não é mais suficiente. A caixa foi aberta e meus olhos foram os olhos de Jimmy por muito tempo. Talvez ainda sejam. A única certeza que tenho é de que Jimmy não volta mais, e isso só se confirmou quando olhei para mais uma foto da caixa: era Jimmy em profundo repouso.

Não há explicações para a loucura. O que se desencadeou depois da abertura da caixa é compreensível até certo ponto. A morte é sabida e, se todos ficam loucos depois disso, Jimmy é só mais um a completar o manicômio que formamos. Depois de conhecer o interior da caixa, sei de que foi feito Jimmy mas não tenho coragem de ir até o fim com

aquelas fotos: saber-me morto pode ser arriscado demais, apesar de comprovar certa insanidade escrevendo este texto e reparando ainda mais a caixa debaixo destas folhas. É, talvez eu não resista e vá até o final das fotos, ou até me encontrar finalmente.

échos de espelhos

Já não era a primeira vez que aquilo estava acontecendo. Há um ano, ela passara algumas horas em frente a uma pintura de Salvador Dalí, de pé e de olhos arregalados, com muita atenção e a respiração baixa, sem ali parecer estar. A diarista conta que foram exatamente oito horas e vinte e quatro minutos de frente àquele quadro, e não entendia o motivo; pensou em chamar paramédicos, a família, os amigos, já que o quadro sempre esteve naquela parede e todo santo dia a patroa passava por ele, apreciava-o, mas nunca, nunca havia ficado tão perplexa diante daquilo que, para a diarista, mais parecia coisa de louco do que obra de arte. Nunca havia ensaiado virar estátua e, de repente, lá estava. Naquela casa havia uma escultura viva, quase morta, a mulher que se petrificava diante de uma pintura. A verdade é que a empregada nada fez pois percebera, desde o primeiro dia de serviço, que a dona da casa era um tanto estranha, com suas esquisitices: pílulas para repor vitaminas, banho com água importada, máquina de escrever, álcool no lugar de perfume.

Ficar parada por mais de oito horas em frente a um quadro deveria ser algum ritual, então. O ritual se repetia, só que, desta vez, ela estava de frente a um espelho. Ela nem parecia estar em si mesma; é outra, pensava a empregada. Não parecia estar tão surpresa, mas a pupila dilatada, as marcas de expressão acentuadas e agora isto: ela realmente se convenceu de estar louca de espanto e compaixão! E falava consigo mesma, “olhando deste ângulo, consigo perceber-me perplexa. No entanto, não se trata de ficarmos desfiando o assunto, enquanto essas vozes se afastam até por onde não imaginemos mais”.

É outra. “Você me deu o que mais me perturba, alucina, encanta, comove, e têm milhares por aí com a mesma função desenfreada que não só enlouquece, mas também desenlouquece. Tantos são os reflexos pelos quais se vive; todos direcionados a um só ponto. Olhe. Repare, de dentro para fora, esses sujeitos. Temos reflexos que opinam com descuido e só a mim cabe essa vontade de evitar outras terríveis falas”. É outra. “Externos são imutáveis e, por mais que se esqueça, ficarão sempre refletidos na mesma forma. O problema são esses miolos miúdos de frente que alteram o pensamento. Se eles existissem pouco, você agiria de outra maneira, acredito. Eu, então, ajo de outra maneira enquanto puder ajudar, mudando as posições, desviando reflexos. Pois eles existem”. A mulher continuava sussurrando e olhando a si própria, como se descobrisse algo realmente, ou se culpasse - talvez. Não sabia mais o que imaginar a empregada, pobre mulher esta outra, que pensava em poder fazer alguma coisa. Olhou-se também no espelho. Percebeu o reflexo da patroa tal como ela era, somente um pouco mais infeliz. E olhou novamente. Reparou. É outra, falou consigo mesma. É outra, cochichou no ouvido da patroa. Ela não ouvia, falava apenas. “Esse cansaço revelado é mais uma prova de que não podemos ser nada mais além do que nos mostra, uma procura inútil daquilo que se rende à natureza. Nem se pode mais pensar na manifestação das vontades, pois somos a criação, imitações nossas, apenas nossas”. A diarista foi para trás do espelho e observou a existência de outro espelho no quarto. Nunca tinha se dado conta. Viu que a mulher não mexia os lábios. Mas falava, continuava sua fala como antes o fazia. “Mirando-me o olhar - e nós sabemos fazer isso e fazemos com frequência -, quem sabe apenas mirar em vez de examinar, não sei mais aonde ir. É outra”. Assustou-se. Ela repetiu, é outra. “É outra”. A patroa, ainda de frente para o espelho, mal mudou o semblante, não saiu de onde estava nem mexeu os lábios, mas repetiu o que a empregada afirmara. E, então, deixou

compreendido que tudo aquilo já dito não passava de uma repetição de sons. O espelho refletia também o pensado, e o que a empregada ouviu foi devolvido em eco. A mulher não saiu em menos de três horas. A diarista contou cinco horas e dezessete minutos.

depois do fim

“Não me olhe”, repetia enfático. Somente ele podia olhá-la e traçá-la, devorar com os olhos cada pedaço daquela imagem. Em sua mente, o contorno era feito parte a parte, primeiro o tronco, afilado pelo corpete, depois os ombros expostos, os cabelos em coque, as curvas acentuadas, as pernas por baixo do vestido, os pés em cima do sofá. Era preciso sentir toda aquela extensão, calcular altura e comprimento, sintonizar-se àquele corpo. Ela obedecia, não o olhava, embora disso estivesse com muita vontade. Era desejo. Era seu corpo apelando para o que com o olhar não se fazia. Ela olhava pela janela, um ponto fixo, talvez o carro estacionado lá fora. A luz então iluminava todo seu rosto, fazendo a pele branca ficar ainda mais branca e alva e pura e brilhante.

Demorou a fazer o primeiro traço na tela. Esboçou o corpo e o tamanho da cabeça, assinalando nariz, olhos, boca e orelhas, acariciando o queixo, buscando os detalhes mais práticos para entregar-se depois ao mais complexo: as maçãs rosadas do rosto, o decote estampado no reflexo, as mãos com os dedos mais longos que já havia visto. A distância era mínima. Conseguia ouvir a respiração quase ofegante dela, embora fossem os seios que ele via sanfonar com aqueles suspiros. Ele se colocava como um vigilante, procurando atenção às formas daquele corpo, definindo textura, cor, tonalidade, e era o cheiro que o deixava alerta. Admirava-a, tão profissional. O laço de fita preta era a última coisa da extrema esquerda. O nariz pequenino e fino dera um pouco mais de trabalho. As outras mulheres tinham narizes quase iguais, um pouco maiores.

Mas este era mais delicado, com uma pontinha elevada em total harmonia com o rosto.

Ele se desfazia do pincel todas as vezes que achava por terminada certa parte. Com as pontas dos dedos ele mesmo avaliava a sua destreza em reproduzir tamanha beleza. Movia as mãos brandamente, os olhos encantados com cada traço vivo ali eternizado pela tinta. Comprazia-se em conservar aquele momento que jamais havia conseguido ter antes. Ela era a melhor que encontrara, a única que ficou por tanto tempo quieta, apenas respirando, com o olhar ao longe, com o corpo rígido. Há de haver qualquer maneira de deixá-la ali, para sempre, pois ele a queria, mesmo depois do fim.

Descrevia o vestido em camadas de branco e rosa, como flores abertas em pétalas, criando ondulações nas saias. Ele já não olhava para os olhos, apesar de saber que eles não se fechavam por nem um minuto. Precisava desvendar aquelas pernas escondidas, colocá-las tal como são, grossas e macias. E intactas. Era um sonho tocá-las por um segundo. Aquilo movia sua mão na beira da tinta e na tela quase pronta, a vontade de terminar, de ir até ela, de sair dali, de pendurar o quadro na parede, de fazê-la sempre viva, as pernas. Queria-a descalça, mas já não era mais possível. O sapato era até mesmo muito bonito e as meias tinham bordas rendadas. Mas ir até lá e retirar um por um era o início para ver as pernas.

Atento às saias de pétalas, ele olhava todo o corpo a um palmo. Os dedos queriam tocar as curvas novamente, mas agora essas que não expeliam tinta, e os dedos caminhavam nos pelos como se ainda fossem pincel. Apareceram coxas, e ele mediu tudo com a própria mão. As meias tiradas, os pés frios da mulher pareciam menos meigos, mas ele não se conteve. Queria o vestido rasgado, mesmo sem obter qualquer reação dela. Ele continuou a impaciência de retirar todo tecido que os separavam, arranhando a pele branca, odiando-a. Ela permaneceu inerte, o olhar incólume, embora o carro

lá fora já tivesse seguido viagem. Seu corpo estava remexido, o busto avermelhado por dois ou três esfregões. Mas nada estava quente, pelo contrário. E ele quis o beijo, cego, faminto, a boca aberta, lambendo o batom, as bochechas, o pescoço mordido, a saliva escorrendo até o seio. Só assim, ele a olhou. Queria ouvir um gemido que fosse, mas ela era silêncio. Só assim ele entendeu que ela não estava feliz. Ele não sentiu seu perfume. Só assim esteve mais temeroso. Aquele olhar não era mais para a janela, não era um olhar, eram apenas dois olhos. Só assim tentou escutá-la. Não conseguiu. Cadavérica, ela continuou a posar, mesmo agora quase nua, mesmo gélida e eternamente imóvel seria mais uma vez esboçada. Ainda que o olhar não exista e os seios não pulem, porque não respirava. O que importava é que ela era eternamente mórbida, era isso, pois, que sempre a fez admirável.

câmera lenta

Angélica embarca no sentido zona sul, só para passar o domingo em minha companhia. Amiga singular, todas as vezes que almoça lá em casa, pede para levar embora a janta numa vasilha. Adora minha comida regada a azeite. Mas a vasilha sempre volta com uma fatia de bolo, porque não tem ninguém com uma mão mais especial para isso e ela sabe que eu me rendo facilmente aos seus bolos tão bem recheados. Os domingos são mais leves com suas histórias bem enredadas, os casos vistos e amarrados no metrô. Angélica fala “vou amarrar um pouco para você entender melhor” e isso significa que ela resume o que é tedioso - quase a história inteira - e injeta um pouco de imaginação. “O metrô”, diz ela, “é um prato cheio para os fofoqueiros e ficcionistas, ou melhor, acho que as categorias podem ser uma só”. E nós rimos sem compromisso com a verdade e com o domingo. Ensolarado ou não, Angélica transforma o dia em leveza para mim. Contou, por exemplo, quando um homem tirou o dia para tocar saxofone no metrô, sem falar nem pedir um tostão. O senhor tocava com a paixão jamais presenciada por ela. Angélica é assim, apaixonada. “De onde sai tanta imaginação, Angel?”, pergunto eu, tendenciosa. Ela responde, sem eira nem beira: “ora, Lu, o metrô é um lugar de passagem, um breve lugar, um não-lugar coberto de velocidade. Tudo nele é movimento e ausência. As pessoas são muitas, escassas, porque ninguém está ali para estar. O metrô é a pressa. o que eu faço é colocar a pressa em câmera lenta”.

Este livro foi composto em outubro de 2019,
na tipografia Minion Pro.

1ª edição: 2019

Produção editorial, projeto gráfico e editoração eletrônica
MARÍLIA CARREIRO

Revisão de texto
SARAH VERVLOET SOARES

Capa
LORRAINY FERRARI
MARÍLIA CARREIRO

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser impressa
sem a permissão expressa e por escrito da autora ou da editora.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

www.editorapedregulho.com.br
facebook.com/editorapedregulho
instagram.com/editorapedregulho
twitter.com/_pedregulho_

